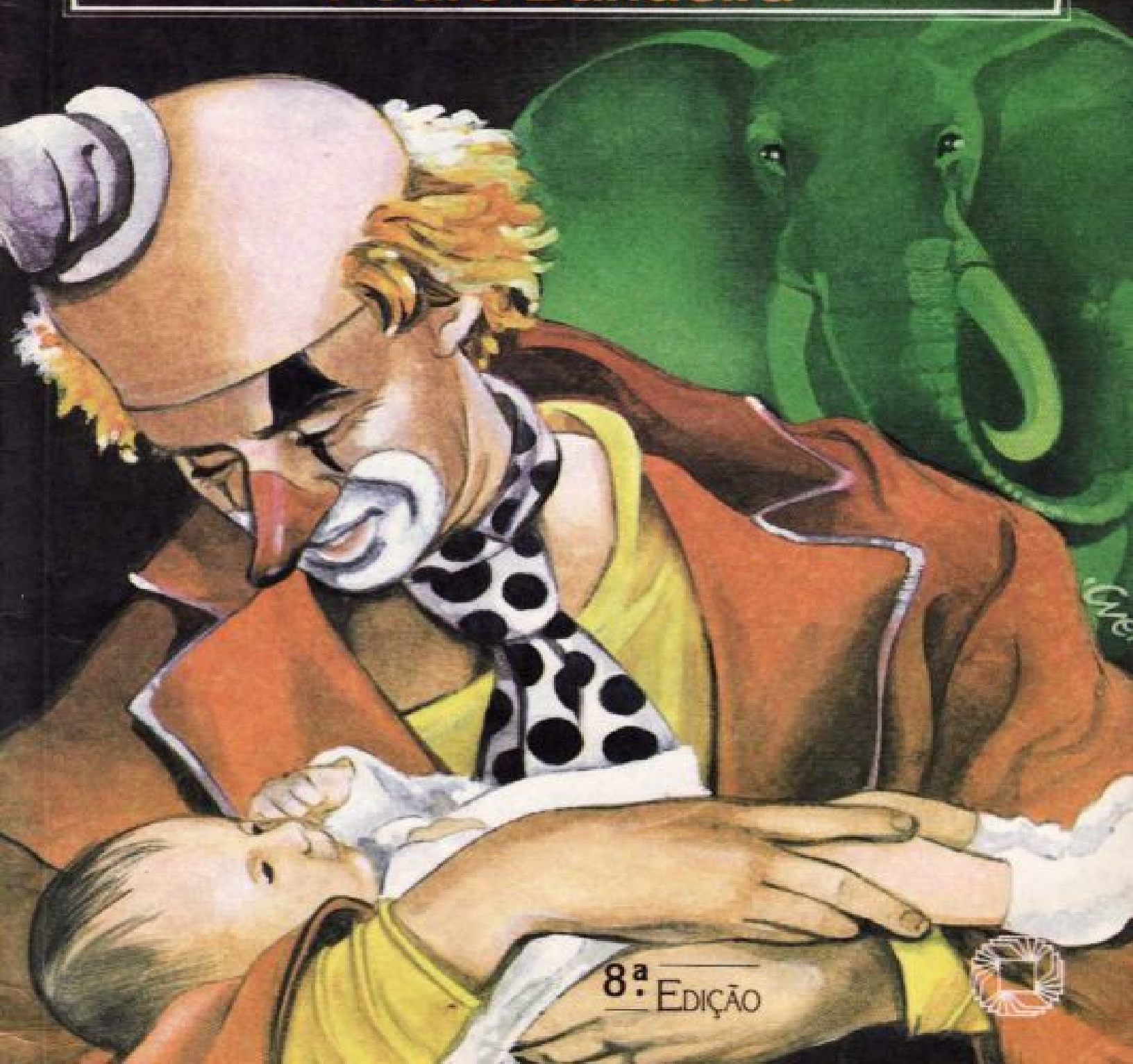


O ELEFANTE ASSASSINO

Pedro Bandeira



8^a EDIÇÃO



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

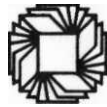
O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Pedro Bandeira

O ELEFANTE ASSASSINO

8ª EDIÇÃO



ATUAL EDITORA

Capa: Avelino P. Guedes
Ilustrações: Avelino P. Guedes
Roteiro de Leitura: Ivone Daré Rabello
Impressão e Acabamento: Dag Gráfica e Editorial

Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bandeira, Pedro, 1942-B167e O elefante assassino / Pedro Bandeira ; [ilustrações Avelino 2ª ed. P. Guedes]. — 2ª ed. — São Paulo : Atual, 1987.

(Série feitiço)

1. Literatura infanto-juvenil I. Guedes, Avelino, 1948- II. Título. III. Série.

87-0931 CDD-028.5

índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infanto-juvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

ISBN 85-7056-1 39-3

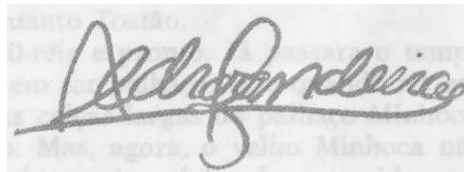
Vim nascendo. Desde 1942, vim nascendo, primeiro em Santos, onde o amor ao teatro e à literatura entrou-me veias adentro feito infecção. Vim nascendo mais um pouco, rumo a São Paulo, em direção a uma formação de sociólogo, a anos de palco como ator, a uma profissionalização como jornalista.

Vim nascendo, sem acabar nunca este longo parto, num processo de descoberta eterna, sem calar nunca este grito inaugural, iniciado com o primeiro tapa da parteira.

Vim nascendo, nos 80, rumo à comunicação para os jovens. A Literatura. Rima de ternura. Parceira da paixão. O amor. Quem escreve ama aquele que vai ler. Senão, para que escrever? Senão, para que viver? Senão, para que nascer?

Nascendo, fiz nascer *O Elefante Assassino, De Piolho a Garrote, A Droga da Obediência, A Marca de uma Lagrima, Ameaça de Sete Cabeças* e mais um punhado de paixões, amores, dúvidas, versos, romances, histórias para ajudar o parto das jovens idéias, nas jovens cabeças.

Vim nascendo, em direção a um futuro de mais livros, de mais amor de verdade, de mais paixão, de mais entrega, até a morte, quando, enfim, terei nascido completamente.

A handwritten signature in black ink, reading "Adolfo Camargo e Silva". The signature is written in a cursive style with a prominent horizontal line at the end. It is set against a light background with some faint, illegible text visible behind it.

TOSTÃO DAS MATINÊS

Circo tão pobre, tão caindo aos pedaços, pouco tinha pra mostrar.

A lona com tantos furos, as tábuas da arquibancada, poucas cadeiras de armar e quase nenhum futuro. O Grande Circo Romani não passava de uma tenda em trapos.

Bichos, só tinha três.

Para cuidar dos três, um menino era bastante. Menino chamado Tostão, por falta de nome melhor. Tostão, nome de dinheiro a quem não se dá valor.

Tinha o leão, rabugento e mal-humorado. Uma vez por dia devorava o que lhe dessem e ficava o resto do tempo cochilando dentro da jaula. Ou tentando matar o Domador Cigano na hora do espetáculo. Pouco trabalho para Tostão.

Trabalho nenhum dava a sucuri, uma cobra daquelas. Sua função era aparecer enrolada numa gorda odalisca que se requebrava molemente no picadeiro, enquanto uma música modorrenta era desafinada pela bandinha do circo. Fora dos espetáculos, a sucuri tomava seu próprio banho numa velha banheira e caçava seus próprios ratos, sem precisar da ajuda nem do Tostão nem de ninguém.

E tinha o Mil-réis, um elefante velho como uma moeda do Império.

Esse sim, dava um trabalhão, pois comia um exagero e gostava de banho a toda hora. Como todos os elefantes, aliás.

Desse trabalho, porém, Tostão não se queixava. Desde que o palhaço Minhoca se fora, Mil-réis era o seu maior amigo. Amigo, companheiro e encosto. Junto ao calor duro do couro do elefante, o garoto dormia as suas noites. Já velho, o elefante não era mais sucesso e, para o Grande Circo Romani, Mil-réis valia tão pouco quanto Tostão.

Tostão cuidava do Mil-réis e pronto. Já passara o tempo em que o garoto sonhara em ser palhaço. Isso quando ele era bem pequeno, grudado nas calças largas do palhaço Minhoca. Queria por

pura imitação. Mas, agora, o velho Minhoca não mais existia e a vocação do menino tinha desaparecido com o amigo.

Tostão bem se lembrava. A banda arrebatando furiosamente todo o repertório e o caixão no meio do picadeiro, cercado pelos poucos artistas do Grande Circo Romani, vestidos com suas roupas de cena como se aquele fosse mais um espetáculo.

O palhaço Minhoca também participara daquele espetáculo. Participara como em todas as outras vezes, com o terno desengonçado, a gravata descomunal, o chapéu minúsculo. Deitado, sorrindo de verdade por baixo da maquilagem, Minhoca apontava desafiadoramente o nariz vermelho para a lona esburacada que enchia de negras estrelas a noite iluminada do circo.

O caixão foi carregado nos ombros dos artistas, com o cuspidor de fogo à frente e com a bandinha atrás, fechando o cortejo. Num pequeno cemitério de uma cidadezinha que ninguém se lembrava qual era, o palhaço Minhoca foi deixado numa cova sem nenhuma inscrição.

Estranho... Tostão nunca tinha chamado o palhaço Minhoca de pai. E o velho tinha sido o único pai que o menino conhecera, desde quando, há dez anos, um bebê chorando de fome, abandonado nas tábuas da geral, fora encontrado pelo palhaço. Foi depois da matinê de um domingo qualquer. Por isso, cada vez que o público aplaudia nas matinês, Tostão ficava feliz, como se fizesse aniversário uma vez por semana. Depois, corria para o amigo Mil-réis e falava de mais um aniversário, de mais um isso, de mais um aquilo...

O velho elefante levantava os olhos miúdos, mostrando aquela compreensão dos elefantes, e enfiava de novo a tromba no cocho repleto de tomates amassados, pedaços de abóbora e verduras murchas, restos de feira trazidos pelo Tostão.

É que o cirquinho ia de mal a pior. Já não havia mais dinheiro para as abóboras e verduras que alimentavam o elefante. Mas Tostão não deixaria seu amigo Mil-réis comendo apenas o capim dos terrenos baldios. Ah, isso nunca! Todos os dias, empurrava um carrinho de mão para recolher os restos que eram jogados fora no fim da feira.

Quase sempre Tostão tinha de disputar aqueles restos com dezenas de moleques briguentos. Houve um tempo em que o menino até pensava que toda a molecada das cidades tinha um elefante para alimentar. Agora, porém, ele já sabia que cada pedaço esmagado de cenoura que levava para ó Mil-réis estava sendo roubado das bocas de alguma daquelas famílias espremidas nos casebres que encobriam a encosta do morro. Todas as encostas de todos os morros por onde haviam passado o Grande Circo Romani e o Tostão, em sua vidinha tão curta.

Tostão nunca tinha visto nenhum daqueles moleques sentado nas arquibancadas do circo nas tardes de domingo.



— Sabe o que eu acho, Mil-réis? — dizia Tostão para as enormes orelhas do elefante. — Se aqueles meninos tivessem dinheiro para comprar verduras frescas na feira, também poderiam comprar entradas para o circo. Aí o circo não estaria tão pobre e o Cigano teria dinheiro para comprar as suas verduras. Porque o Cigano... O Cigano! Eu não gosto do Cigano, e você?

UM BIFE DE MIL-RÉIS

Mais uma vez, Cigano contava o dinheiro que o circo havia arrecadado depois de mais um espetáculo. Não levava muito tempo para contar, pois o dinheiro era sempre pouco. Ultimamente, os espectadores eram raros e tudo tinha piorado naquela semana, com um vento frio que sacudia a lona esburacada, e com uma chuva que transformava o interior do circo em um grande chuveiro.

Cigano espalhava as notas e tornava a juntá-las, resmungando maldições em uma língua estranha. Um lenço vermelho-sujo, amarrado bem justo, cobria-lhe a cabeça, com toda a beirada cheia de medalhinhas douradas a enfeitar-lhe a testa, combinando com o brilho dos seus dentes de ouro. Do Cigano, todos diziam que sua boca valia mais que o circo inteiro.

— Malditos! *Gadgês idjotas!* — xingou Cigano para si mesmo. — Isso não vai dar pra nada. Nem para uma garrafa de mor forte que esquente a alma num tempo desgraçado como esse. E como é que eu vou arranjar carne para o leão? Esse dinheiro não chega nem para comprar a carcaça de um burro velho...

— Chamou, Cigano?

Era Casca-de-ferida, o magro ajudante de tudo no circo e puxa-saco principal do Cigano.

— Não chamei, Casca. Nem toda carcaça de burro é você. Mas, já que veio, pode ficar por aí mesmo e amaldiçoar a sorte junto comigo.

— Maldita sorte, Cigano. Maldita mesmo!

— Desse jeito, vou acabar tendo de empenhar até meus dentes. Como é que vou alimentar o leão com tão pouco dinheiro?

— É mesmo! Não é possível alimentar o leão com tão pouco dinheiro. Você tem razão, Cigano. Toda a razão.

— Logo o leão, o único artista que vale alguma coisa nesse maldito circo!

— Logo o leão...

— Só o leão atrai público. Só o leão e eu, Gran Cigano, o Domador de Dentes de Ouro!

— Só você e o leão, Cigano. Só você e o leão...

— O resto nem vale o salário que recebe!

— Mas ninguém recebe salário há três meses...

— E é pra receber? — berrou indignado o Cigano. — Essa cambada de artistas vagabundos nem merece trabalhar no circo de um *rom* como eu!

— É. Não merecem mesmo.

— Se colocarmos o leão faminto no picadeiro, ele vai acabar devorando o domador no meio do espetáculo, na frente de todo mundo!

— Bem, nesse caso...

— Nesse caso, nada! O domador sou eu!

— É você, sim, Cigano. Um grande domador.

— E o que eu faço se o leão não puder mais trabalhar de tanta fome?

— Bom, tem ainda o elefante...

— Ora, aquele velho elefante não serve para...

Aí os olhos do Cigano arregalaram-se e o Casca-de-ferida tomou um tapa tão forte na magreza das costelas, que o pobre puxa-saco quase desabou na mistura de serragem com lama que eles chamavam de picadeiro.

— É isso! Boa idéia, Casca. Aquele velho elefante não serve mesmo pra nada. É disso que o leão precisa: comida pra muito tempo. Amanhã, vamos ter um traste a menos neste circo. Até que a sua caveira magra ainda serve pra pensar. Sua idéia foi tão boa que você vai ganhar um bom bife de elefante!

— Um bife de elefante? Muito obrigado, Cigano, obrigado mesmo...

— Deixe de besteira e venha me ajudar, seu *gadgê idjota!*

COITADA DA SUCURI!

Tostão voltou para o circo com o carrinho meio vazio. Aquela manhã tinha sido das difíceis, e a briga com um bando de moleques decididos a tomar-lhe as verduras do Mil-réis fizera com que ele trouxesse também um nariz sangrando. Mas o menino conseguira salvar a maior parte da comida do elefante.

Só que toda a dor desapareceu quando Mil-réis recebeu a refeição. O elefante pareceu compreender o esforço do amigo e o acariciou com a tromba, balançando o enorme corpanzil como se quisesse dançar. Comeu com satisfação, e em seguida dobrou a tromba em gancho, para Tostão sentar-se. Depois, balançando-a suavemente, o elefante ninou o seu menino.

Naquela manhã, Tostão fungou o nariz machucado até quase adormecer no balanço gostoso daquela tromba. Mas, por causa do berro, foi só quase.

Que berro! Era um berro desconsolado, um berro de dar dó. Berro tão mal berrado só podia ser da odalisca.

Todo mundo foi ver e era.

Lá estava ela, gorda e descabelada, de joelhos na lama, abraçada à sucuri que pendia de seus braços como uma corda velha.

— Coitadinha! — berrava a mulher. — O meu amorzinho, o meu ganha-pão! Morta! Esmagada!

E beijava a cobra. Beijava, que beijava, que beijava, que beijava...

— Deixa ver essa cobra.

Era Cigano, que se aproximava da odalisca. Pegou a sucuri pelo rabo e levantou-a, mostrando para todos a cabeça esmagada como se tivesse sido atingida por uma das marretas pesadas que serviam para fincar as estacas do circo.

— Que horror! — exclamou a trapezista. — Como é que isso foi acontecer?

— Esmagada mesmo — concluiu Cigano, falando bem alto. — Muito bem esmagada. Esmagada por alguma coisa grande e pesada.

No meio de todo mundo, estava o menino Tostão, com o coração aos pulos dentro do peito, ao ouvir o que Cigano tinha a

dizer.

— Alguma coisa muito grande e pesada... Um esmagado como este só pode ter sido feito por uma pata de elefante...

Todas as exclamações se calaram para as cabeças imaginarem a grande pata do Mil-réis estraçalhando a pobre sucuri da odalisca.

— Mas não há pegadas de elefante na lama — raciocinou o mágico.

Cigano jogou a cobra novamente para a mulher, que continuava a chorar.

— Nós mesmos apagamos todas elas quando corremos para cá — explicou Cigano, mostrando a dentadura dourada.

— Não há dúvida. Foi o elefante!

— Não! O Mil-réis não! — gemeu o pobre Tostão.

— Nem digo que tenha sido por querer — continuou Cigano. — Mas aquele elefante está velho demais. Não sabe por onde anda e acho até que nem enxerga direito.

— Mas não podemos ter certeza — argumentou o mágico.

— O Mil-réis nunca fez mal a ninguém. Depois, sem a prova das pegadas...

O olhar do Cigano voltou-se fixamente para Casca-de-ferida. O puxa-saco avançou para o meio do grupo e pôs-se a falar nervosamente:

— Bom, eu não queria me meter, mas, hoje, quando aquele moleque, o Tostão, foi vadiar lá na feira, eu vi o elefante solto, andando por aqui... Eu vi, juro que vi. Cigano está com a razão, com toda a razão...

— Mesmo assim... — ia começando o mágico.

— Não tem mais dúvida — cortou Cigano. — O elefante é um perigo para todos nós. Se ele anda tropeçando por aí e pisando em qualquer lugar, numa hora dessas acaba trombando com o mastro principal e derrubando o circo em cima de todo mundo. Vai ser uma tragédia!

— Vai mesmo — apoiou Casca-de-ferida. — Uma tragédia.

— Como responsável pelo Grande Circo Romani, não posso permitir que um risco desses continue ameaçando os artistas e o público. Não há outra saída. Acho que o jeito é acabar com ele. O

elefante está velho, mas tem carne para alimentar o leão por muito tempo. Esta noite daremos espetáculo normalmente. Amanhã, de manhãzinha...

Tostão conseguiu abafar o grito que lhe subia pela garganta. O julgamento tinha sido rápido e a sentença já estava dada. Morte ao elefante! Morte ao seu único amigo de corpo grande e olhos mansos...

O menino esgueirou-se silenciosamente para fora da tenda esburacada e foi ao encontro do Mil-réis.

Naquela noite molhada, depois do espetáculo, um menino e um elefante saíram para o mundo.

NARIZ VERMELHO

A manhã veio chegando, mas quase tão escura e tão molhada como tinha sido aquela noite.

Era preciso esconder o Mil-réis antes que o Cigano descobrisse a fuga.

Mas, como esconder um elefante?

Tostão resolveu pensar parado e abrigou-se da chuva debaixo do amigo.

— Que enrascada, Mil-réis! Não sei como isso foi acontecer. A vida da gente lá no circo não era das melhores, mas era a única que tínhamos, não é? Precisamos arranjar um meio de escapar do Cigano. Eu não vou deixar você virar comida de leão. Nunca! Eu sei que você não pisou na sucuri. Tenho certeza!

Mil-réis pastava calmamente o capim molhado dentro do qual os dois se escondiam bem mal escondidos. Debaixo do elefante, Tostão continuava pensando em voz alta.

— Você está comendo o nosso esconderijo, Mil-réis. Deve estar com uma fome de elefante, não é? E eu nem vou poder ir à feira para buscar comida. Não trouxemos o carrinho de mão e depois eu não posso deixar você sozinho. Se ao menos eu tivesse alguns tomates pra você comer...

Foi aí que Tostão viu o tomate. Pareceria um rabanete, se não tivesse cor de tomate. Porque não era dos graúdos nem eram muitos tomates. Era um só e dos pequenos. Mas era melhor que nada para a fome do elefante.

— Veja, Mil-réis, um tomate. E bem maduro. Pegue com a tromba. É pouco, mas é um começo para o seu almoço.

O elefante levantou a tromba. Farejou o tomate, sacudiu o rabo pequenininho como se o tomate fosse um velho conhecido e voltou a pastar o capim.

— Ora, Mil-réis, se você não quer o tomate, quero eu, que não sou elefante, mas também tenho fome.

Levantou-se e caminhou para o tomate.

— Gozado... Tomate não cresce tão alto assim. E esse parece que flutua no ar. Não está preso a planta nenhuma...

Na pontinha dos pés, Tostão estendeu a mão e agarrou o tomate.

— Ui! — fez o tomate.

Tostão deu um salto para trás e foi enroscar-se na tromba do Mil-réis.

— Um tomate que faz *ui!* Você ouviu, Mil-réis? O tomate fez *ui!*

— É claro que eu fiz *ui* — fez novamente o tomate. — Qualquer um faria *ui* se lhe puxassem o nariz!

Os olhos do menino arregalaram-se tudo o que podiam. O tomate não só fazia *ui*, como falava, e falava com uma voz muito conhecida. Uma voz que Tostão nunca poderia esquecer.

— Palhaço Minhoca! Essa é a voz do palhaço Minhoca. Dita e repetida!

— É claro que é a minha voz. Então eu vou falar com a voz dos outros?

— É o Minhoca, Mil-réis! É o próprio Minhoca! Mas, onde está você, Minhoca?



— Estou aqui — disse o nariz. — Bem atrás do meu nariz, onde sempre estive, ora essa!

Não é que Tostão estivesse com medo. Era só que ele achava um pouco estranho aquele nariz que falava com a voz do Minhoca.

— É que... eu não estou vendo você...

— Vai ver é porque eu morri.

— Eu só estou vendo o seu nariz...

— Vai ver é porque o meu nariz não morreu.

O menino aproximou-se da voz e tentou abraçar-se à parte do ar que ficava entre o nariz e o chão.

— Minhoca...

Mas foi só o ar mesmo que abraçou.

— Você... você virou fantasma, Minhoca?

— Não sei. Nunca vi um fantasma.

— Mas o que você está fazendo aqui, tão longe da cova?

— E o que você está fazendo aqui, tão longe do circo?

— Ah, nem queira saber, Minhoca. É um problema muito sério...

— Se é sério, eu não posso ajudar. Palhaço não leva nada a sério.

— Não brinque, Minhoca — disse o menino para o nariz, como se fosse a coisa mais natural do mundo conversar com um nariz. — Escute só o que aconteceu...

O palhaço transparente ouviu o menino, sacudindo o nariz de vez em quando, como se entendesse tudinho.

— O Mil-réis, virar comida daquele leão antipático! — comentou o palhaço no final. — Que crueldade! Você fez muito bem em fugir com ele.

— É. Só que não vai adiantar nada se eu não conseguir esconder o Mil-réis. Logo, logo, o Cigano vai nos alcançar. E ainda por cima o Mil-réis está com fome. Hoje ele só comeu capim. E eu não posso ir à feira buscar comida para ele...

O nariz empertigou-se:

— Se a comida não pode vir ao Mil-réis, é o Mil-réis que vai à comida. Vocês dois: sigam o meu nariz!

CADÊ O ELEFANTE?

Naquela mesma hora, a espingarda do Cigano já estava limpa e carregada.

— Agora é só esperar o Casca-de-ferida, aquele *gadgê idjota*, trazer o elefante. Um tiro bem no meio da testa e — pimba! — o meu leão vai ter comida de sobra!

Casca-de-ferida veio mesmo, só que sem o elefante.

— Licença, Cigano...

— Cadê o elefante, Casca?

— É que... Sabe, Cigano? Eu não consegui encontrar...

— Como é que você não conseguiu encontrar, seu *gadgê idjota*? Você não presta nem pra encontrar um elefante? Ou está ficando cego e não consegue ver nem um bicho daquele tamanho?

— Eu enxergo muito bem, Cigano — desculpou-se Casca-de-ferida, meio sem jeito e sem saber o que fazer com as mãos. — Só que não encontrei o elefante em nenhum lugar...

— Incompetente! *Gadgê* incompetente! — berrou o Cigano. — Ninguém presta pra nada neste circo. Sou eu que tenho de fazer tudo. Pode deixar que eu encontro esse elefante e arranco-lhe a tampa da cabeça com um tiro só, onde ele estiver!

Mas foi inútil. Não havia lugar naquele circo onde pudesse se esconder um elefante tão grande como o Mil-réis. O elefante tinha desaparecido mesmo.

— Maldição! — xingou o Cigano. — Casca! Vá chamar aquele moleque vagabundo, o Tostão. Ele anda sempre com o elefante. Deve saber onde...

— Também já pensei nisso, Cigano — interrompeu Casca-de-ferida. — Mas também não encontrei o Tostão. O moleque também sumiu...

Cigano ficou com a cara da cor do lenço que lhe cobria a cabeça.

— O quê?! O moleque também? Ah, desgraçado, aposto que fugiu com o elefante. Ah, aposto que roubou meu elefante!

Casca-de-ferida tremia como se a fúria do Cigano fosse desabar sobre a sua figura esquelética de puxa-saco.

— Calma, Cigano. O elefante é muito grande e o moleque é muito bobo. Não podem ter ido muito longe. Será fácil encontrá-los.

— Fácil? Então vá lá e traga os dois, Casca-de-ferida. Traga de qualquer jeito. À força, arrastados, amarrados, como quiser. Eu quero os dois aqui. Vou mostrar àquele moleque o que acontece com quem ousa roubar a mim. Gran Cigano, o Domador de Dentes de Ouro!

GUERRA NA FEIRA

— Escute, Tostão — explicou o palhaço Minhoca. — É tudo muito simples. Entramos na feira com Mil-réis e tudo. Aí, o elefante come todos os restos de verdura que quiser!

Tostão olhou para o nariz redondo e vermelho que flutuava no meio da garoa. Tinham conseguido esconder o Mil-réis atrás de um caminhão quebrado, a apenas um quarteirão da feira.

— Não vai dar certo, Minhoca. Já pensou a confusão que vai haver? Um elefante deste tamanho no meio daquelas barraquinhas?

— Até que a confusão vai ser bem menor do que você conseguiu brigando com os moleques e saindo com o nariz machucado...

— Ué... — estranhou Tostão. — Como é que você sabe que eu briguei na feira? E como sabe que eu levei um soco no nariz?

— Precisamos andar logo — disse o palhaço sem responder à pergunta. — Senão não vai sobrar nada para o Mil-réis. Se você não quer levar o elefante, vá sozinho, então. Pegue o que puder e traga para cá. Eu espero aqui com o Mil-réis.

— Você não vem ajudar, Minhoca?

— Não vai adiantar. Eu não agüento nem com um pé de couve. Desde que morri, ando meio fraco. Acho que morrer não faz bem à saúde.

O menino sorriu. Apesar da chuva, apesar do frio, apesar do perigo, apesar do Cigano, o que ele sentia era paz. Tinha ao lado seus dois maiores amigos: o palhaço Minhoca, embora ele agora não passasse de um nariz vermelho que falava e flutuava no ar, e o elefante Mil-réis, embora ele agora fosse um fugitivo acusado de esmagar uma sucuri.

Correu para a feira e percorreu as sarjetas molhadas. Fez um saco com a camisa e logo conseguiu encontrar algumas beterrabas e um pé de chicória. Estava tudo meio murcho e enlameado, mas ele haveria de lavar muito bem antes de dar ao Mil-réis.

Foi aí que Tostão viu o cacho de bananas. Quase inteiro, um pouco amassado, mas uma festa para o Mil-réis. Viu e correu para

pegar. Pesava um bocado, mas deu para o menino colocá-lo sobre os ombros.

— Largue isso daí, ladrãozinho. Esse cacho é meu! Era um dos moleques da luta do dia anterior. Era o maior deles, o mais enfezado de todos. Cobria a saída do Tostão, tendo atrás dele todo o grupo de agressores da véspera.

— Seu por quê? — desafiou Tostão. — Eu vi primeiro, peguei primeiro, logo, o cacho de bananas é meu. Sai da frente, faz favor.

— Ah! É o mesmo garotinho de ontem, pessoal — riu-se o moleque. — Não ficou satisfeito com a surra? Então não se incomode, que nós vamos lhe dar outra que vai valer por todas!

Tostão livrou-se agilmente do murro que apontava para a sua cara. Girou o cacho de bananas e bateu com ele no peito do agressor. As bananas espatifaram-se para todos os lados e o moleque foi cair adiante, embananado e surpreso.

Agora era correr, mas tempo não havia. A molecada caiu por cima do Tostão com raiva. O menino esperneou o que pôde, tentando livrar-se dos chutes e dos socos, mas acabou rolando no calçamento, com meia molecada por cima.

De costas contra o chão, viu avançar a cara cheia de banana do moleque mais forte, punho erguido para o golpe de misericórdia.

Foi então que...

— Atenção, artilharia: fogo!

Um coco de casca dura voou pelos ares e foi acertar em cheio o moleque antes que o murro atingisse Tostão. Mais uma vez, o moleque voou longe e esparramou-se no mesmo lugar em que o havia atirado o cacho de bananas.

Dessa vez foi uma laranja que acertou a testa de outro moleque, arrancando-o de cima do Tostão.

— Ah, ah, ah! Fogo, artilharia, fogo! Ah, ah, ah! Pimba! Ah, ah, ah!

O menino ergueu-se. Lá estava o elefante, aspirando tomates, laranjas, cocos e melões pela tromba e soprando-os de volta como tiros de canhão em cima da molecada.

— Suba, Tostão!

No alto do Mil-réis fluuava o comandante da artilharia. Ura nariz vermelho e redondo como os tomates que se esborrachavam contra o inimigo.

Tostão agarrou a camisa molhada e escalou o corpo do elefante como já fizera tantas vezes. Recuperados do primeiro susto, os moleques contra-atacaram. Munindo-se também do que podiam pegar das barracas dos feirantes, puseram-se a atirar contra o Mil-réis.

— Plof!

Um ovo bem apontado acertou o nariz do palhaço-comandante, que ficou amarelo-gema por instantes.

— Atenção, tropa: bater em retirada!

O velho elefante fez meia-volta e desabalou feira abaixo, derrubando carrinhos, barracas e tudo mais que houvesse pela frente.

Aproveitando-se da confusão, as donas-de-casa trataram de encher suas sacolas sem pagar, e os moleques esqueceram a guerra para também pegar o que pudessem.

É claro que a polícia foi chamada e, logo, um guarda comandava a multidão de feirantes enfurecidos que corria atrás do Mil-réis.

* * *

Zé Caninha era desses que tinham feito da garrafa sua amiga e companheira. Saía do boteco, já tendo bebido mais do que a maioria das pessoas poderia suportar a vida toda, quando viu um elefante carregando um garoto passar como um trator à sua frente.

— Nossa! Estou vendo um elefante! No meio da rua! Bem que a minha mulher fala todo dia: Zé, você precisa largar de beber...

Um instante depois, um guarda esbaforido surgiu da esquina, trazendo atrás um grupo de homens e mulheres de avental que corria e escorregava no chão molhado. Parou arfante ao lado do bêbado.

— O senhor viu um elefante passar por aqui? O bêbado surpreendeu-se:

— Puxa! O senhor também viu?

— Não, eu não vi! — berrou o guarda impaciente. — Eu estou procurando um!



— Então, fica fácil — explicou calmamente Zé Caninha. — O senhor entra nesse boteco aí, que eles têm uma cachaça ótima pra quem quer ver elefante...

O guarda continuou a corrida, seguido pela multidão que passou pelo bêbado gritando:

— O elefante! Segurem esse elefante aí!

Zé Caninha fez meia-volta e entrou novamente no boteco:

— Nossa, como tem bêbado nessa cidade!

CIGANO NO AR

Casca-de-ferida voltou para o Circo Romani outra vez sem elefante.

Tinha sido fácil seguir as enormes pegadas do Mil-réis na lama que entrava pelo mato adentro. O puxa-saco atolou-se e enregelou-se atrás do elefante. Mas, a partir de certo ponto, parecia que as pegadas voltavam para a cidade. Casca-de-ferida continuou na perseguição, mas perdeu-se. No calçamento das ruas, as pegadas tinham sido dissolvidas pela chuva miúda. Molhado até os ossos, resolveu voltar para o circo.

Como nos bons e velhos tempos, quando a lona não estava tão rasgada e a platéia não perdia uma só apresentação do palhaço Minhoca, o circo estava cheio.

Cheio de curiosos, de refletores, de equipamentos, de câmeras de TV, de cabos de força espalhados pela lama, e cheio de técnicos atarefados que corriam de um lado para o outro.

No centro das atenções e das luzes, Cigano exibia feliz sua dentadura dourada e parecia querer abocanhar um microfone que lhe era estendido, como se aquilo fosse um sorvete de casquinha.

Quem lhe estendia o microfone era uma moça muito agitada:

— Aqui Sulamita Normanha, diretamente do Grande Circo Romani...

— Romanii — corrigiu Cigano.

— Corta! — berrou a moça. — Senhor Cigano, não me corrija. Responda apenas às minhas perguntas. Está bem?

— Certo, dona.

— Vamos de novo. Pronto? Um, dois, três... Aqui Sulamita Normanha, diretamente do Grande Circo Romani. Ao meu lado está o dono do circo e do elefante assassino, o Domador Cigano...

— Desculpe... — Cortou Cigano. — É Gran Cigano, o Domador de Dentes de Ouro.

— Corta! — berrou de novo a mulher. — Senhor Cigano, eu não lhe disse para...

— Está bem, não corrijo mais. Mas veja se acerta, não é?

— Oquêi, vamos lá. Um, dois, três... Aqui Sulamita Normanha, diretamente do Grande Circo Romani. E este é o dono do circo e do

elefante assassino, Gran Cigano, o Domador de Dentes de Ouro. Senhor Cigano, quer explicar aos telespectadores o que aconteceu hoje de manhã, aqui no circo?

Cigano pigarreou, arreganhou ainda mais a boca para mostrar os dentes de ouro e começou:

— Boa tarde, senhores telespectadores. Sou Gran Cigano, o Domador de Dentes de Ouro. O maior do mundo! E este é o Grande Circo Romani, o maior...

— Coorta! — esgoelou-se a mulher. — Senhor Cigano, assim não dá. Nós não estamos aqui para fazer propaganda do seu circo. Isto é uma reportagem. O senhor só tem que responder as perguntas que eu faço.

— Está bem, dona, desculpe...

— Ai, ai, ai, acho que essa gravação não sai hoje! Tudo pronto? Vamos de novo. Um, dois, três... Aqui Sulamita Normanha, diretamente do Grande Circo Romani. E este é o dono do circo e do elefante assassino, Gran Cigano, o Domador de Dentes de Ouro. Senhor Cigano, quer explicar aos telespectadores o que aconteceu hoje de manhã, aqui no circo?

— Ah, a senhora nem imagina! Eu tinha acabado de receber esse elefante. Paguei caríssimo por ele. Um elefante xucro. Veio lá das selvas da Birmânia. Era conhecido como a Fera da Birmânia!

— Como é o nome do elefante?

— O nome? É Mil... É... É Trântor, o Elefante Assassino!

— Que horror! — espantou-se falsamente a repórter. — E o que o senhor ia fazer com uma fera como essa?

— Eu o estava treinando. Amansá-lo era impossível. Domesticá-lo, nem pensar! Somente eu, Gran Cigano, o Domador de Dentes de Ouro, para treinar com ele um número tremendo, em que o elefante, dentro de uma jaula capaz de resistir até a rinocerontes, ameaça um pastor e sete carneirinhos indefesos. De repente, com sua fúria, Trântor arrebenta as correntes que o controlam e investe contra o pastor e os carneirinhos. E eu, Gran Cigano, o Domador de Dentes de Ouro, sozinho com ele, desarmado...

— Está bem, senhor Cigano. Mas o que aconteceu esta manhã?

Cigano tinha os olhos brilhantes, desesperados, e falava sem parar:

— Nesta manhã, Trântor estava impossível. Tinha as quatro patas presas a correntes de levantar âncora de transatlântico, mas sua fúria era incontrolável. Por mais que eu usasse de férrea energia, o elefante não se acalmava. Num repente, despedaçou as correntes como se fossem barbantes e investiu contra a pobre odalisca que, indefesa, ensaiava sua dança com a sucuri.

— Minha nossa!

— Sem hesitar um só instante, atirei-me defendendo a bailarina com minha própria vida. Consegui rolar com ela para o lado, mas a pata sedenta de sangue do elefante abateu-se sobre a cobra, esmagando-lhe a cabeça como uma fruta podre!

— Horrível, senhor Cigano — lamentou profissionalmente a repórter. — Mas o senhor soube que o elefante apareceu na feira lá por volta do meio-dia e fez um estrago daqueles?

Faíscas pareciam sair dos olhos do Cigano:

— Quantos mortos? Quantos feridos?

— Nenhum, até agora, pelo menos que nós saibamos. A polícia está nos sonegando informações, num atentado claro contra a liberdade de imprensa. Mas pudemos apurar que houve muitas barracas derrubadas e muito pânico na multidão. Parece que havia um menino montado no elefante. O senhor sabe alguma coisa sobre isso?

Cigano abaixou a cabeça e mudou de tom, quase a ponto de chorar.

— Sei, infelizmente sei. Era o Gregorinho, um menino que foi abandonado no meu circo, ainda bebê, e que eu criei como meu próprio filho. Dei-lhe até meu próprio nome: Grégor... Pobre Gregorinho! Deve estar morto a esta hora...

A câmara aproximou-se do rosto do Cigano, para aproveitar ao máximo o sentimentalismo da cena.

— Amigos telespectadores, uma fera terrível como essa está solta nas ruas, ameaçando a vida e a propriedade das famílias honestas desta cidade. Falou Sulamita Normanha, diretamente do

Grande Circo Romani — disse sombriamente a moça, encerrando a reportagem.

O ELEFANTE ASSASSINO

Casca-de-ferida ouviu tudo aquilo sem entender o que estava acontecendo. No meio da confusão que a equipe da TV fazia arrumando-se para ir embora, o puxa-saco aproximou-se do dono do Circo Romani.

— Que história é essa, Cigano? O nome do elefante não é Trântor, coisa nenhuma. É Mil...

Cigano tapou-lhe a boca brutalmente com a mão:

— Cale a boca, *gadgê idjota*). Alguém pode ouvir suas besteiras. Venha cá.

Arrastou o magro ajudante para um canto. Casca-de-ferida nunca tinha visto o Cigano com um humor tão alegre.

— Estamos feitos, Casca! Agora o sucesso e a fortuna estão batendo às portas do meu circo!

— Mas circo não tem porta...

— Chega dessa vida miserável de lonas furadas e cadeiras vazias. O Grande Circo Romani agora vai ser grande de verdade. As arquibancadas vão ficar caindo de gente e vai até haver brigas na fila por um ingresso para assistir à luta sangrenta de Gran Cigano, o Domador de Dentes de Ouro, contra o terrível Trântor, o Elefante Assassino!

Casca-de-ferida continuava sem entender nada:

— Por que você está mudando o nome de tudo, Cigano? O elefante é Mil-réis, não é Trântor. E o menino é Tostão, não é Gregorinho.

— Casca, você é um *idjota*, mesmo. Você acha que o público acreditaria num elefante assassino que se chamasse Mil-réis?

— É... não acreditaria, mesmo... Mas, e o Tostão? Pra que trocar o nome dele?

— Só para dar um pouco mais de tempero à história, Casca. Aquele moleque nunca prestou para nada aqui no circo. Que sirva ao menos como vítima. Até hoje aquela peste só me deu trabalho!

O puxa-saco não entendia as coisas direito:

— Trabalho? O Tostão? Que trabalho ele lhe deu? Você nunca prestou atenção a ele. Só o Minhoca que...

— Pois agora chegou a hora do moleque servir para alguma coisa. Se a opinião pública pensar que ele é praticamente meu filho adotivo, uma criança indefesa ameaçada por uma fera de tromba e tudo, aí sim, meu circo vai encher todas as noites!

Casca-de-ferida cocou a cabeça:

— O plano parece ótimo, Cigano. Muito bom, bom mesmo. Quer dizer que você não vai mais matar o Mil-réis para dar de comida ao leão?

Cigano deu uma gargalhada gostosa, mostrando todos os dentes de ouro.

— Ah! O leão não vai ser nada perto do sucesso do elefante. Parece que você perdeu o seu bife de elefante, não é, Casca? Mas não se incomode. Trântor, o Elefante Assassino, vai dar dinheiro suficiente pra você comer filé-minhom todo dia!

O rosto magro do puxa-saco iluminou-se. Agora a conversa começava a interessar. Só não parou de cocar a cabeça.

— Filé-minhom! Já ouvi falar. Deve ser muito gostoso...

— E estrogonofe, e peru, e camember, e camarão-pistola, casquinha de siri, patê de foá-grá-trufê, pato-à-califórnia, peixe-escabeche, lagostas, tortas e pastelões. Chega de fome! Chega de pobreza! O mundo agora vai reconhecer o talento de Gran Cigano, o Domador de Dentes de Ouro!

À medida que o Cigano falava, mais Casca-de-ferida cocava a cabeça, nervoso, como se subitamente estivesse sendo atacado por um enxame de piolhos.

— Não vai dar certo, Cigano. O Mil-réis é muito manso. Nunca vai parecer feroz.



— Não vai? Isso é o que você pensa. Vamos construir uma jaula reforçada. A iluminação vai ser de baixo para cima, para formar sombras assustadoras no alto da lona. Um clima fantasmagórico! Quando começar o número, vai haver sete pobres carneirinhos indefesos dentro de uma jaula, cuidados por um solitário pastorzinho. Pode ser o Tostão ou outro moleque boboca qualquer. É a hora de entrar o elefante, todo maquilado de sangue, enlouquecido, urrando e pulando como um demônio. Com a platéia apavorada, o elefante esmaga os pobres carneirinhos com as patas assassinas. A platéia grita de pavor, as crianças escondem a cara, as mulheres desmaiam, pois o elefante vai estraçalhar o pastorzinho, que treme e grita desesperado. Aí entro eu na jaula, desarmado, todo vestido de dourado, com botas de borracha, dominando a fera apenas com o vigor da minha voz!

Casca-de-ferida não mais se cocava. Em compensação, seus olhos estavam arregalados feito gema de ovo frito.

— Pintar o elefante de vermelho até que vai ser fácil, Cigano. Mas ele nunca vai pular e urrar como um louco. Muito menos esmagar os carneirinhos. O Mil-réis é manso como um bolo de fubá.

A boca de ouro do Cigano escancarou-se numa gargalhada de triunfo:

— Já pensei em tudo, Casca. O elefante vai pular como um cavalo xucro, você vai ver. Mas vamos logo ao trabalho. Cadê o elefante?

— Eu... não encontrei, Cigano — desculpou-se envergonhado Casca-de-ferida. — Eu segui a pista no meio do mato mas, depois...

— Incompetente! *Gadgê* incompetente! Tudo eu tenho de fazer sozinho. Você não teve nem a coragem de dar uma marretada naquela cobra *idjota*. E agora não tem capacidade nem de encontrar um elefante. Ah, deixe comigo. Eu vou e trago aquele raio de elefante em três tempos!

Enquanto o Cigano se afastava, Casca-de-ferida voltou a cocar a cabeça.

— A roupa dourada eu entendi. Mas, pra que as botas de borracha?

— Venha comigo, *idjota!* — gritou Cigano lá de longe. —
Venha ajudar, seu imprestável!

IDÉIA DE PALHAÇO

O nariz vermelho pulava de um lado para outro em cima do Mil-réis, que continuava a correr o mais que podia para se livrar dos perseguidores. Agarrado ao elefante, Tostão não sabia o que fazer.

— Minhoca, e agora? Para onde vamos?

— Vire à esquerda! — comandou o nariz. — Veja aquela placa. Nesta cidade tem um zoológico. Que melhor lugar para esconder um elefante do que num zoológico?

Mil-réis tinha corrido pra valer, e virou à esquerda antes que os perseguidores estivessem à vista. Já estavam no portão do zoológico municipal quando ouviram o tropel dos feirantes passar na rua de trás e perder-se aos poucos na distância.

— Ufa! — aliviou-se Tostão. — Por enquanto estamos salvos.

A garoa tinha diminuído até passar por completo, e o sol até estava arriscando uma olhadinha atrás da dobra de uma nuvem, como se a nuvem fosse uma coberta que o preparasse para o sono da noite que vinha chegando.

O silêncio envolvia o zoológico. Nem um urro, nem um zurro, nem um crocito, nem um miado, nem um bramido, nem um balido, nem um mugido, nem um rugido, nem um latido de sequer um cão vagabundo que houvesse.

— Silêncio estranho para um zoológico — comentou o palhaço Minhoca. — Será que toda a bicharada resolveu dormir mais cedo?

O portão estava fechado, mas não havia tranca.

— Vamos entrar, Mil-réis — decidiu Tostão. — Já sei qual é a sua idéia, Minhoca. Deixamos o Mil-réis quietinho no meio dos outros elefantes e ninguém vai notar nada, não é?

Passaram por uma jaula onde estava escrito “Tigre de Bengala”. Só que não tinha nenhum tigre dentro.

— Será que o tigre foi passear?

— Vai ver foi comprar uma bengala nova — caçoou Minhoca.

Outras jaulas, outras gaiolas. Todas vazias.

— O que há com esses bichos? Estão em férias ou o quê? Quase como se soubesse ler, Mil-réis foi parando perto da placa “Elefantes”.

Era um local amplo, todo cercado por um fosso largo e profundo. Só que era um local sem elefante nenhum.

O nariz do palhaço Minhoca continuava pulando sem entender o que estava acontecendo:

— Isso aqui devia chamar-se *nadalógico*, porque aqui não tem nada, e não é nada lógico ter um zoológico sem bichos!

— Onde a gente vai esconder o Mil-réis, Minhoca? Precisamos de pelo menos dois elefantes para esconder o nosso no meio deles.

— Belo raciocínio, Tostão! — aplaudiu Minhoca. — Você já está pensando com a lógica de um palhaço experiente.

— Só que não há nenhum elefante...

— E qual é o problema? Do outro lado desse fosso também não há onças. E disso você não se queixou...

Tostão não estava para filosofias:

— O que vamos fazer, Minhoca?

— Só tem um jeito — propôs o palhaço. — Botamos o elefante aí dentro e depois arranjamos outros dois pra confundir com o Mil-réis!

Aquela, pelo jeito, era uma idéia de palhaço. Mas não havia outra. O melhor era mesmo tocar o elefante para dentro, por cima do fosso, e depois pensar numa saída melhor.

Mas, como fazer um bicho daquele tamanho passar por um fosso tão largo como aquele?

Uma ponte? Só se fosse de concreto, e bem reforçada, para agüentar aquela meia dúzia de toneladas.

— E se a gente arrumasse um tronco, Minhoca? O próprio Mil-réis poderia carregá-lo para cá e depois atravessar para o outro lado.

— Troncos rolam, Tostão. E elefantes escorregam em troncos que rolam. Caem dentro dos fossos e fica difícil pescá-los. Já experimentou pescar um elefante de dentro de um fosso?

— Então, como vai ser?

— O jeito é o Mil-réis pular o fosso.

— Pular? Oh, Minhoca, onde já se viu um elefante pular uma distância dessas?

— Em nenhum lugar — respondeu o nariz. — Mas quem já inscreveu algum elefante numa olimpíada?

O menino, ainda montado no Mil-réis, não aceitava os argumentos do palhaço.

— Deixe de brincadeira, Minhoca. Os fossos são construídos justamente para impedir que os elefantes pulem para fora.

O nariz saltitou de felicidade:

— É isso! Os fossos servem para os elefantes não pularem para fora. Portanto, são ideais para os elefantes pularem para dentro!

— Ora, Minhoca!

— É claro! Lá dentro não tem espaço suficiente para o Mil-réis ganhar embalo. De fora para dentro é diferente!

Outra idéia de palhaço. Mais: idéia de maluco!

— E se ele cair? E se ele se machucar?

— Não vai cair nem se machucar. Fique sossegado. Palavra de Minhoca!

Com o coração aos pinotes, Tostão levou o elefante rua acima, o mais longe possível. De trás do nariz vermelho, do alto do elefante, ao lado do Tostão, veio a voz de comando:

— Vamos, Mil-réis. Para a frente. A toda!

Coisa de louco! Pena que ali não houvesse uma platéia de circo para ver e aplaudir. Seria um sucesso absoluto. Mil-réis despencou-se ladeira abaixo e pulou. Ah, se pulou! Que pulo, coisa nunca vista!

— Conseguimos! — gritou a felicidade do Tostão logo que Mil-réis aterrissou com segurança dentro da arena dos elefantes. O menino pulou de volta o fosso, para ver o Mil-réis do outro lado. — Viva!

— Viva o quê? — intrometeu-se uma voz estranha, ao lado do Tostão. — Quem é você, moleque? O que está fazendo aqui?

UM BICHO, AFINAL

A voz pertencia a um sujeito todo engravatado e enchapelado, de colete e paletó. Só que tudo, gravata, chapéu, colete e paletó, já estava em ruínas. Inteira restava apenas a pose do sujeito.

— Ei, garoto! Falei com você. O que está fazendo aqui? Tostão olhou para o nariz do Minhoca e o nariz do Minhoca olhou para Tostão.

— Boa tarde, moço. É que... eu vim passear no zoológico. É isso. Vim passear. Só isso.

— Passear? Hum... Você é turista?

— Não, eu...

— Não vai me dizer que você é pobre, vai?

— Bem, quer dizer...

O homem não deixava Tostão falar:

— Ainda bem, porque pobre não vota. Não sabe ler, não tira título de eleitor e não vota. Depois, vem exigir coisas de quem foi eleito pelos outros. Pelos outros que trabalham, tiram título de eleitor e votam. É uma pouca-vergonha! Os pobres são...

Nesse momento, o discurso calou-se e o rosto do sujeito iluminou-se. Seus olhos não encaravam mais o Tostão, mas passavam por cima, indo enxergar o elefante do outro lado do fosso.

— Veja, menino: um elefante!

— Onde? — perguntou Tostão inocentemente.

— Ali! Bem ali. Ali onde eu sempre quis que tivesse um. Um elefante!

Tostão procurava mostrar-se o mais natural possível.

— Sim, claro que é um elefante. O que há de estranho em um elefante? Principalmente num zoológico?

O engravatado pôs-se a rir e a dançar de pura alegria. Parecia até que estavam mesmo num circo e os palhaços tinham invadido o picadeiro depois de um número perigoso de trapézio, para brincar com a platéia enquanto os cenários eram trocados.

— Viva! Viva mesmo! Um elefante de verdade. Um bicho no meu zoológico. Afinal, afinal, afinal!

Ria o homem. Ria tanto que se engasgava, tossia e continuava a rir, a engasgar e a tossir, a ponto de o Tostão já não saber se aquilo era alegria ou se era asma.

— Minha carreira política está salva! Você salvou minha carreira política, elefantinho querido. Meus inimigos pensavam que tinham acabado comigo, mas agora eu mostro a eles!

— O senhor mostra o quê? O elefante?

— Exatamente. O elefante. Meu elefante. O elefante do meu zoológico!

— Este zoológico é seu?



O enchapelado empertigou-se. Agora falava sério e seus olhos brilhavam enxergando seu próprio futuro político.

— É meu. É como se fosse meu. É a grande obra da minha administração. Fui prefeito desta cidade, menino. O maior que esta cidade já teve. E inaugurei este zoológico para encher a cidade, de turistas e começar uma vida nova para todos. Usei este terreno da prefeitura e botei todos os funcionários cavando fossos e construindo jaulas e portões. No começo, houve algumas reclamações, porque os lixeiros estavam trabalhando aqui em vez de recolher lixo e outras bobagens como essa. Mas eu sabia que o zoológico valia todos os sacrifícios!

— O senhor deve gostar muito de bichos, não é?

— Eu? Eu não. Detesto bichos! O que eu gosto mesmo é de votos.

— Mas...

De repente, o ex-prefeito deixou cair os braços ao longo do corpo, desolado, como se suas lembranças pesassem feito um saco de batatas sobre os ombros.

— Mas os meus inimigos me acusaram de só estar querendo fazer figura. Que eu fazia melhor se destinasse o terreno da prefeitura para a construção de casas populares. Ora, aqueles ignorantes não sabem que casas populares não atraem turistas? O que atrai turistas é praia e zoológico. Já que não podíamos ter praia, que tivéssemos ao menos um zoológico, não é? Não é, menino? Não foi uma grande idéia, menino?

— Acho que...

— Só que os meus inimigos, cheios de inveja, tudo fizeram para me prejudicar. Reuniram-se na Câmara dos Vereadores e não aprovaram as verbas que eu precisava para comprar bichos. Deram até um jeito de convencer os bancos a não emprestarem dinheiro para a compra dos animais. Me arruinaram! Os eleitores riam de mim nas ruas por causa do zoológico vazio. Eu vi que nunca mais me elegeria a coisa nenhuma. Aí, para não ficar desempregado, meu último ato como prefeito foi nomear a mim mesmo diretor do zoológico. E aqui fiquei eu, cuidando do meu sonho, da minha grande obra. Vendo o mato crescer e vendo minguar minha

esperança de um dia ter este zoológico lotado. Cheio de animais e de turistas. Cheio de alegria e cheio do dinheiro dos turistas. E eu cheio de honras e homenagens...

De um arranco, levantou um braço para cima, como se estivesse prestes a proclamar a independência. Falava agora com energia e entusiasmo.

— Mas meus sonhos estão novamente de pé. De pé, menino, com este elefante encantado que apareceu por aqui vindo dos céus para salvar minha carreira e destruir meus inimigos. Agora ninguém mais vai rir de mim. Ninguém mais. Ninguém mais!

Timidamente, Tostão ousou perguntar:

— Quer dizer que o elefante pode ficar aqui?

— Pode? Ele *tem* de ficar aqui. Daqui não sai. Só por cima do meu cadáver. É o primeiro bicho do meu zoológico. Atrás dele virão todos os outros. Leões, avestruzes, focas, girafas, rinocerontes, hipopótamos, tigres, panteras, macacos, castores, chinchilas, patos, cisnes, marrecos, veados, búfalos...

PLANO ELÉTRICO

— Está vendo, seu *gadgê idjota*? Para achar um elefante é preciso usar a cabeça.

Cigano e Casca-de-ferida estavam no local da feira, perguntando a todo mundo sobre um elefante e um menino. O menino Tostão, que haveria de virar Gregorinho, e o elefante Mil-réis, que haveria de transformar-se em Trântor, o Elefante Assassino.

— Ainda não entendi como é que você vai fazer o Mil-réis ficar bravo — perguntava Casca-de-ferida. — E não sei para que usar botas de borracha no picadeiro...

Cigano fazia suspense, prolongando a curiosidade do assistente.

— Você é um canalha de confiança, Casca. Mas seu mal é não saber usar a cabeça. O elefante feroz? As botas de borracha? Dois mais dois é igual a quatro, Casca. E vinte mais vinte é igual a... a... bom, deixa pra lá. As duas coisas estão ligadas.

Se “pudesse parar só um pouquinho, Casca-de-ferida não só descansaria como cocaria a cabeça:

— Ligadas? A mesma coisa? Não entendo, Cigano.

— É fácil, Casca. Debaixo da lona que cobrirá o chão da jaula, vai haver uma tela de aço. De aço, entendeu? E a tela de aço vai estar ligada à corrente elétrica. Eletricidade, entendeu? Aí, a eletricidade vai passar pela tela de aço e dar um choque daqueles em quem estiver de pé sobre a lona. A lona que cobre a tela, entendeu? Um bruta choque, entendeu? Um choque daqueles. Somente eu, de botas de borracha, não vou sentir nada. Mas o diabo do elefante vai pular como um louco a cada choque. Ah, ah, ah! Entendeu, Casca? O elefante vai pular direitinho!

Então era aquilo? Choque elétrico! Cigano ia dar choques no Mil-réis para fazê-lo pular e urrar de dor! A idéia era tão tremenda que custou a entrar na cabeça do Casca-de-ferida.

— Mas... e os carneirinhos? E o pastorzinho?

— Vão pular também. Pular e berrar de dor. Para o público, os urros do elefante serão de ferocidade, e os berros dos carneirinhos e

do pastor serão de medo. Tudo perfeito, não é? Mas não se preocupe: com as botas de borracha, eu estarei bem protegido.

— Mas o pastorzinho será o Tostão. Não foi isso que você disse?

— Bom, pode ser o Tostão ou outro menino qualquer.

— E se o Tostão morrer com os choques?

— Morre nada. Uns choquinhos podem até fazer bem àquela cabeça boba. Mesmo se morrer, não vai fazer muita falta. Logo arranjamos outro. Mas não há perigo. Os choques não vão matá-lo. Logo que eu entrar na jaula e acalmar o elefante, o moleque poderá...

— E como é que você vai domar o elefante enlouquecido? Cigano parou um pouco e encarou o magro ajudante.

— Você é um *idjota* mesmo, Casca. É só parar de dar choques no elefante. É só você desligar a chave dos choques.

— E-e-eu?! O que é que eu tenho com isso?

— Seu *gadgê idjota!* Quem você pensa que vai ficar nos bastidores ligando e desligando a máquina de choques?

Casca-de-ferida já tinha feito muito trabalho sujo para o Cigano. Mas aquele era muito. Aplicar violentos choques no Tostão e no Mil-réis até que o pobre elefante, sem saber para onde pulava de dor, esmagasse os carneirinhos?

— Escute, Cigano... Eu não...

* * *

Estavam em frente a um boteco desses bem vagabundos. Cigano tentava arrancar informações de um pobre bêbado que mal se agüentava em pé.

— Não, moço! Não me venha com essa história de elefante. Pra mim chega! Vou largar de beber, eu juro. De hoje em diante, não bebo nem biotônico. Juro. Palavra de Zé Caninha.

Cigano sacudia o bêbado, exigindo uma resposta.

— Diga logo, homem. Viu ou não viu um elefante por aqui?

— Ai, moço! Isso aqui está cheio de elefantes. Todo mundo anda vendo elefante. A culpa é dessa cachaça falsificada. O governo

não vê essas coisas...

Zé Caninha escorregou das mãos do Cigano como um fardo largado, murmurando promessas e ameaças contra o governo e os falsificadores de cachaça. O dono do botequim, que não bebia da própria cachaça, apontou para os dois o caminho por onde passara aquela estranha perseguição.

* * *

— Veja, Cigano! — berrou Casca-de-ferida alguns quarteirões depois, apontando uma placa que, na esquina, mostrava o caminho do zoológico. — Aposto que o Mil-réis sentiu o cheiro dos outros elefantes e foi meter-se no zoológico.

— Não seja *idjota*, Casca. Você não está vendo que... Nesse momento, uma pequena multidão de feirantes vinha de volta, exausta, liderada pelo guarda, mais exausto ainda.

— O elefante não foi por lá — gritava um.

— Perdemos a pista — desanimava-se outro.

— Ei, vai ver viraram nesta esquina!

— Foram para o lado do zoológico!

— Em frente, pessoal! — comandou o guarda.

— Em frente ou viramos a esquina?

— Viramos a esquina! — orientou o guarda. Envolvidos pela multidão, Cigano e Casca-de-ferida foram arrastados em direção ao zoológico da cidade.

ESFORÇO DE REPORTAGEM

— ...antílopes, gnus, pavões, guepardos, ursos-pardos, ursos-brancos, ursos pretos, antas, capivaras, pacas, tatus, cotias...

Certamente o ex-prefeito passaria aquele restinho de tarde e entraria pela noite adentro enumerando todos os nomes de bichos que conhecia. Mas foi interrompido. Mal havia terminado a palavra “cotia”, o zoológico deserto deixou de ser deserto. Uma perua da TV avançava cantando os pneus, com meio corpo de uma mulher para fora da janela, a berrar:

— Achamos! Achamos o elefante!

A perua freou ao lado do Tostão e do ex-prefeito. De dentro, saíram técnicos, equipamentos, câmeras, fios, cabos, luzes e a frenética repórter, falando ao microfone e ouvindo pelos fones que lhe tapavam as orelhas.

— Alô, alô, estúdio. Não vamos gravar desta vez. Interrompa a programação. Vou fazer esta matéria ao vivo. Como?... Não! Prometo que não vou errar... Hein?... Claro que não. Você já me viu errar?... Já? Não faz mal. Este é um furo. Vai dar audiência de novela!... Como?... É a novela que está no ar? Pois tire do ar!

A câmera de TV já estava ligada. A repórter só teve tempo de ajeitar um pouquinho o cabelo.

— Um, dois, três... Me avise quando estivermos no... Como? Já estamos no ar? Desculpe a nossa falha. Aqui Sulamita Normanha, diretamente do zoológico municipal. Num esforço de reportagem, conseguimos localizar o elefante. Lá está ele, do outro lado do fosso, balançando a tromba, pronto para o ataque. É Trântor, o Elefante Assassino. Já matou uma sucuri, um menino e duas dúzias de feirantes. Nossa reportagem se deslocou até esta cidadezinha perdida e conseguimos localizar a maior ameaça dos últimos tempos. Agora estamos próximos de encontrar o cadáver do pobre menininho. Na certa era um garoto como este, aqui ao meu lado. Boa tarde, amiguinho.



— Boa tarde — respondeu Tostão, meio desconfiado.

— Por acaso você não encontrou por aqui o cadáver esfaляado de um menino?

— Barbaridade! É claro que não. Que menino é esse?

— Um menino mais ou menos como você. Um menino que saiu montado nesse elefante sem saber o que fazia. Certamente o elefante o esmagou, pobrezinho...

A surpresa do Tostão foi grande demais:

— Esmagou? Esmagou coisa nenhuma. O menino...

— Eh, bem... — interrompeu a repórter. — Vamos fazer um breve intervalo para nossos comerciais e logo voltaremos com mais novidades sobre o elefante assassino. Falou Sulamita Normanha, diretamente do zoológico municipal... Alô, estúdio. Houve um pequeno imprevisto. Tem um moleque aqui dizendo que o menino não foi esmagado pelo elefante. Se isso for verdade, vamos perder muito do interesse humano da reportagem ...

Pelos fones de ouvido da repórter, vinha a resposta do estúdio, que só ela ouvia.

— Hein?... Eu ainda estou no ar?... Ahn, ah ahn... Desculpe a nossa falha... Aqui Sulamita Normanha, diretamente... Ao nosso lado, temos um senhor, certamente testemunha ocular de toda essa tragédia. Boa tarde, meu senhor. O que sabe sobre o caso do elefante?

— É a televisão? É a televisão? Meus eleitores estão me vendo?

— Olhe para o outro lado, meu senhor. O senhor está de costas para as câmeras...

— Ahn? Ah, desculpe. Onde? Ali? Essas luzes... Boa tarde, meus eleitores. Agradeço a presença da televisão neste momento histórico em que o primeiro grande animal chega ao nosso zoológico. Agradeço também a confiança do meu eleitorado, que nunca duvidou da minha competência administrativa e, agora...

— Um momento, meu senhor. É do elefante que nós estamos falando.

— Justamente! É do elefante que eu estou falando. Deste maravilhoso elefante. Esta jóia da Índia que ora inaugura o meu

zoológico. Esse fantástico animal acaba de chegar da Índia como o primeiro de uma série que, eu prometo, será...

— Espere aí! — interrompeu Sulamita Normanha. — Este não é Trântor, o Elefante Assassino?

— Assassino? Não! Esse é o meu elefante. O elefante do meu zoológico. O elefante é meu!

— É meu! Esse elefante é meu!

Uma voz aos berros saía do meio de uma multidão que acabava de invadir o zoológico, liderada por um guarda quase sem fôlego.

Era o Cigano, que abria caminho entre os feirantes e avançava em direção ao ex-prefeito.

— Que negócio é esse de querer roubar o meu elefante? Sou Gran Cigano, o Domador de Dentes de Ouro, dono do Grande Circo Romani. Esse elefante é muito meu!

— Seu, coisa nenhuma! O elefante está no meu zoológico. Logo, o elefante é meu!

— Foi roubado do Grande Circo Romani, o meu circo. Logo, é meu!

— Roubado? — surpreendeu-se o guarda. — Então este é um caso de roubo? Se é roubo, *teje* preso!

— Preso? Quem? — protestou o ex-prefeito. — Me respeite! Já fui prefeito desta cidade. *Teje* preso quem?

— *Teje* preso o ladrão!

— Mas quem é o ladrão?

— É ele! — acusou Cigano apontando para Tostão. — Foi ele quem roubou o elefante do meu circo!

— Ele? Mas ele eu não posso prender. É uma criança.

— Criança? Criança nada! Ele é um... um anão! Isso! Um anão. É um anãozinho do meu circo que roubou o elefante!

— Então *teje* preso o anãozinho!

— Me larga! Eu não fiz nada. O Cigano queria matar o elefante. A gente tinha de fugir!

— Ei, Cigano — sussurrou Casca-de-ferida. — Se o Tostão for preso, quem vai fazer o pastorzinho no *show* do elefante?

— Qualquer moleque. Moleques *idjotas* é o que não falta. Que o Tostão vá para o inferno!

— Aqui Sulamita Normanha, diretamente da confusão. Quem roubou o elefante? Quem é o elefante? De quem é o elefante? Vamos entrevistar o guarda que é a autoridade presente. Senhor guarda, como vai ficar essa história do elefante?

— Sem comentários!

— Mas nossos telespectadores precisam saber o que vai acontecer com o elefante assassino!

— Assassino? Este é um caso de assassinato? Então *tejem* presos todos! *Teje* preso todo mundo!

— Mas, e o elefante?

— *Teje* preso também o elefante!

— Mas o elefante pertence ao meu zoológico!

— Nada! Pertence ao meu circo!

— *Teje* preso o zoológico! *Teje* preso o circo! *Teje* tudo preso!

— Mas ouça, seu guarda...

— Não estou aqui para ouvir. Estou aqui para prender!

— Então declare aqui ao nosso microfone...

— *Teje* preso o microfone! *Teje* presa a reportagem! *Teje* presa a televisão! Todo mundo pra delegacia! *Tejem* presos!

— Aqui Sulamita Normanha, diretamente do... Ah, deixa pra lá. Nossa reportagem está sendo presa, senhores telespectadores. Poderemos acompanhar os acontecimentos de dentro da prisão. Alô, mamãe, no dia de visita à cadeia, leve um pacote de cigarros, duas calcinhas limpas e uma escova de dentes ...

— Sou uma autoridade! Já fui prefeito. Ninguém pode me prender!

— A autoridade aqui sou eu! *Teje* preso e pronto!

— Sou um honesto artista! Sou Gran Cigano, o Domador de Dentes de Ouro. Sou a vítima. Não posso ser preso. Sou um artista!

— Artista? Estes são os piores. *Teje* presa a arte!

— Nós somos feirantes. Não fizemos nada!

— *Teje* presa a feira!

— Ei, me larga! Eu não tenho nada com isso. Sou apenas um curioso!

— *Teje* presa a curiosidade!

— Aqui Sulamita Normanha, diretamente do mesmo lugar. Uma série de prisões está...

Por mais que tentasse controlar a situação prendendo todo mundo, o guarda estava cada vez mais perdido. Berrava a torto e a direito e não tinha respostas para as reclamações que vinham de todos os lados.

No meio da barafunda, o nariz do palhaço Minhoca aproximou-se do ouvido do Tostão e cochichou. Foi um cochicho breve, que não precisou de resposta. Imediatamente, o menino saltou o fosso, subiu Mil-réis acima e montou no elefante.

— Quietos! Todo mundo! — dos lábios do menino saía a voz do palhaço Minhoca.

Todos se calaram e todos os olhares se voltaram para o anãozinho que parecia um menino e falava com voz de adulto.

— Chega de bagunça! Vamos resolver logo essa confusão!

— Aqui Sulamita Normanha, diretamente daqui mesmo. O anãozinho vai falar.

O “anãozinho” Tostão, sério, movia os lábios impondo respeito. Ao seu lado, o palhaço que ninguém via falava com energia:

— Sou um anão, não sou? Não foi isso que o Cigano disse? Então sou um anão e pronto. Estou sendo acusado de roubar este elefante e o elefante está sendo acusado de assassinato. Está bem. Mas quem é acusado tem direito a julgamento. Eu e o elefante queremos ser julgados. Temos direito a um julgamento!

— Mas eu não julgo ninguém — defendeu-se o guarda. — Eu só prendo. Quem julga é o juiz. Então *teje* todo mundo preso, que o juiz decide o que fazer. Vamos! Todo mundo. *Tejem* presos. Vamos falar com o juiz!

— Esperem! — interrompeu a voz do Minhoca, enquanto todo mundo via moverem-se os lábios do Tostão. — Espere, seu guarda. Como é que o senhor vai tirar o elefante daqui? Vai carregá-lo por cima do fosso, é?

— Eu? Eu não carrego elefantes. Eu só prendo.

— Então o que vai fazer? Pense. O que vai fazer?

— Eu não penso. Eu só prendo.

— Nesse caso, deixe que eu mesmo penso — sugeriu a voz do Minhoca. — Se o elefante não pode ir ao juiz, que o juiz venha ao elefante. Mande buscar o juiz, seu guarda. Faremos o julgamento aqui mesmo!

O pobre guarda estava louco para livrar-se daquele problema que ele não sabia resolver. Agarrou a primeira idéia que havia. E a única idéia que havia era mandar buscar o juiz.

—; Você! — ordenou o guarda apontando para Casca-de-ferida. — Vá buscar o juiz!

— Eu? Mas eu não sou desta cidade. Sou um homem de circo. Não sou de nenhuma cidade. Não conheço o juiz.

— Ninguém conhece — explicou o guarda. — O juiz acaba de ser nomeado para cá. Chegou hoje de manhã e deve estar hospedado na pensão da Genoveva. Vá lá e traga o juiz. Imediatamente!

— E onde fica a pensão da Genoveva?

— É fácil. Vire a esquina à direita e siga a rua principal. A pensão fica ao lado de um boteco. É o único boteco da rua. Você não pode errar. Eu fico aqui mantendo os suspeitos sob minha custódia. Vá logo! E vocês: *teje* todo mundo preso e quieto até chegar o juiz!

— Aqui Sulamita Normanha. Voltamos à nossa programação normal até que chegue o tal juiz... Alô, alô, estúdio. Não erre nada, hein?... Hein?... Como?... Ainda estamos no ar?... Ahn, desculpe a nossa falha...

JUIZ DIFERENTE, MAS JUIZ

Era um homem triste. Aquele juiz era um homem triste. Velho, já no fim da carreira, tinha sido nomeado para uma cidadezinha perdida como aquela. Mas não era por isso que estava triste. Não era por isso que andava triste o tempo todo.

Naquele anoitecer, o velho resolveu sair da pensãozinha para uma volta pela cidade e uma volta por seus pensamentos cheios de decepção.

A chuva tinha parado há tempo e a noite caíra completamente.

Logo ali, em frente a um boteco bem sórdido, o velho juiz andava distraído quando esbarrou em um homem. Um forte cheiro de álcool bafejou-lhe o rosto.

— Oh, perdoe-me... — desculpou-se o juiz.

— Não foi nada. Posso perguntar aonde ia o senhor olhando para o chão?

— Bom, eu pretendia...

— Se o senhor está pensando em entrar nesse boteco, desista, meu amigo — aconselhou decididamente o bêbado. — Aí eles só servem uma cachaça falsificada que perturba as idéias de um homem. Pode crer. Eu sei por experiência própria. Sou uma vítima dessa cachaça. Não entre aí não!



O juiz sorriu:

— Obrigado pelo aviso.

— Às ordens. Gosto de ajudar os outros. Muito prazer: Zé Caninha, às suas ordens.

— O prazer é meu.

— Não faça cerimônia, meu amigo. Sente-se, por favor. O bêbado convidava o juiz a sentar-se na beira da calçada, com toda educação, como se oferecesse o sofá da sala.

— Não quer? Insiste em entrar no boteco para tomar mais umas, não é? Está bem, então. Vamos lá. Só que nem chegue perto dessa cachaça falsificada. Vamos tomar um conhaque. É isso. Um conhaque!

De braço dado com o juiz, o bêbado conduziu-o ao boteco. Logo, estavam sentados no balcão, à frente de um horrível conhaque.

— Sou uma vítima de todas as cachaças, meu amigo — confessou Zé Caninha depois de entornar dois copos. — A cachaça já destruiu minha cabeça, mas não mudou meu coração. Ainda sou um homem. Um homem bêbado, mas um homem.

Zé Caninha mudou de tom. Agora falava para o copo, esquecendo a companhia daquele velho juiz de direito, que parecia só gostar de ouvir.

— Elefantes... Cachaça falsificada... Tudo acontece comigo. É por isso que eu bebo. Não! Não é por isso não. Eu bebo mesmo é por causa da torcida. Maldita torcida! É. E também bebo por causa do bandeirinha. Maldito bandeirinha... Malditos todos os bandeirinhas. Eu apitei aquele impedimento por causa do maldito bandeirinha. Ele levantou a bandeira e eu apitei. Príííí! Apitei mesmo. Então não ia apitar? Ah, mas eles não deviam ter falado aquilo da mamãe... Coitada da mamãe... É por isso que eu bebo... Por isso mesmo...

Então aquele pobre bêbado também era um juiz? Um juiz de futebol, é verdade, mas um juiz como o velho que o ouvia. Um colega. É. De certa forma, era um colega.

— Depois, teve aquele pênalti — continuou Zé Caninha. — Foi pênalti e eu apitei. Príííí! Se foi pênalti, eu tinha de apitar. Tinha

mesmo. Decisão de campeonato ou não, tinha de apitar. Pênalti é pênalti. Não importa se o pênalti foi contra o time da casa. Se foi pênalti, o juiz tem de apitar. Tem sim. E eu sou juiz. Apito o que tem de ser apitado. Se alguém se meter, mando pra fora de campo. Pro chuveiro! É isso. Eu sou um juiz honesto. Um juiz honesto!

Ali estava. Um juiz honesto. Um juiz a quem não importava o poder ou a ameaça. Um juiz a quem só importava a Justiça.

— Não deviam ter falado aquilo da mamãe... Coitada da mamãe... Maldita torcida! Eu sou um juiz honesto. Honesto, ouviu? Nunca mais me chamaram para apitar outra partida... É por isso que eu bebo... Eu me sinto honesto demais para ficar sóbrio. Eu bebo, mas sou honesto. Isso ninguém me tira. Sou um juiz honesto. Honesto! Príííí! Príííí!

— E eu me sinto envergonhado demais para me embriagar. ∴
— disse o juiz quase que para si mesmo, afastando o copo de conhaque intocado que havia à sua frente.

Tinha ouvido tudo aquilo sem sorrir. Ali estava um juiz de verdade. Não era um juiz de direito como ele. Não lidava com demandas, crimes ou desquites. Era apenas um juiz de futebol. Talvez nunca tivesse apitado uma partida nos grandes estádios, nas grandes capitais. Mas era um juiz honesto. E, nisso, Zé Caninha também era diferente do velho juiz.

Olhou o bêbado com admiração e pensou em si mesmo, em sua longa carreira como juiz de direito. Pensou em todos os momentos em que teve de condenar ou absolver alguém sempre de acordo com as provas. De acordo com provas que ele sabia que apontavam para o lado errado. Quantas vezes ele tivera de decidir com base em leis e provas com as quais não concordavam nem a sua consciência nem a sua sensibilidade! Eram provas apresentadas por quem tinha mais dinheiro ou mais poder para descobrir provas. Ou para inventá-las.

Justiça! Que justiça pudera aquele velho juiz aplicar a vida inteira? Seria ao menos possível considerar-se honesto? Teria sido ele honesto, aplicando leis que ele julgava injustas e aceitando provas que ele tinha certeza que só mostravam o lado mais forte da questão? Teriam sido honestas suas sentenças quando ele

condenava ou absolvía pessoas com base naquelas provas e naquelas leis? A quem ele servira a vida inteira? À Verdade? Ou à conveniência de quem tinha o poder para torcer a Verdade? Poder para criar leis e forjar provas? Será que ele podia fazer como o pobre bêbado e berrar que era um juiz honesto?

Os pensamentos e os remorsos do velho juiz tinham desviado sua atenção do companheiro, que agora pedia outro copo de conhaque.

Naquele momento, um sujeito magrela, aflito, entrou desorientadamente no boteco.

— Desculpe, senhor — gaguejou o homem. — Disseram que eu ia encontrar o juiz nessa pensão aí do lado. Só que ele não está lá. Disseram que ele saiu, mas não sabem aonde foi. O senhor, por acaso...

— Está procurando um juiz?

— Sim. É isso mesmo. Estou procurando um juiz.

— É um bom juiz que o senhor quer?

— Sim. Um bom juiz...

— Um juiz justo? Um juiz honesto? Um juiz que tenha orgulho em ser juiz?

— Bem, eu acho que sim... O senhor sabe onde ele está?

— Sei. É aquele ali.

E apontou para o outro.

QUEM É O RÉU?

— Um apito! Preciso de um apito. Como vou julgar sem apito?

Não chovia, mas a noite viera sem lua, escura como nunca. Por sorte, as fortes luzes dos refletores da TV eram mais que suficientes para que todo mundo pudesse ver os principais personagens daquele estranho julgamento.

— Aqui Sulamita Normanha, diretamente do... Estava tudo pronto. Só faltava o apito. Mas esse detalhe foi fácil de resolver, pois o guarda apressou-se a emprestar seu apito ao juiz, que tinha sido instalado no alto de um barril que fora usado nas obras do zoológico.

— Príííí! Vamos começar o julgamento. O que é que nós estamos julgando mesmo?

O ex-prefeito, o guarda, o Cigano, Casca-de-ferida, Sulamita Normanha e alguns feirantes puseram-se a falar ao mesmo tempo.

— Príííí! Ordem neste tribunal. Do contrário, expulso de campo o primeiro que perturbar. Senhor guarda: fale primeiro. O que aconteceu?

— Positivo, Meritíssimo. Um caso grave de perturbação da ordem. Usando um elefante como pretexto, um grupo de conhecidos agitadores pretendeu...

— Nada disso! — berrou Cigano. — É um caso de roubo de propriedade circense. Esse anão aí roubou Trântor, o Elefante Assassino!

— Assassino! É isso mesmo! — interrompeu a repórter.

— Aqui Sulamita Normanha, diretamente do julgamento. O elefante assassinou um monte de gente!

— Assassinou coisa nenhuma! — protestou o ex-prefeito.

— Deve ser outro elefante. Este elefante pertence ao meu zoológico. O elefante é meu!

— É meu!

— Matou!

— Roubou!

— Amassou!

— Esmagou!

— Destruiu!

— É meu!

— É dele!

— É nosso!

— Priiiii! Priiiii! — apitou o juiz do alto do barril. — Ordem neste tribunal. Vamos por partes. Comecemos pelos assassinatos. Quem o elefante matou?

— Um monte de gente, excelência — acusou Sulamita Normanha. — Dez dúzias de feirantes. Uma calamidade!

— Cadê as vítimas? Priiiii! Quero saber das vítimas! Houve uma pausa para todo mundo olhar um para o outro, como se algum deles tivesse um par de cadáveres escondido no bolso.

— O senhor aí — apontou o juiz para um dos feirantes.

— Venha cá. Explique o que aconteceu.

O feirante aproximou-se, timidamente.

— Pois não, excelência. Eu estava lá na minha barraca de peixe, vendendo tudo muito fresquinho, tudo muito baratinho...

— Deixe de enrolar. O que aconteceu? Diga apenas o que aconteceu.

— Certo. Eu estava lá e passou um elefante correndo, perseguido por alguns moleques. Aí eu corri atrás também...

— Viu o elefante esmagar alguém?

— Eu? Eu não. Que coisa horrível!

—: Alguém mais viu? Algum cadáver? Alguém machucado? Ninguém? Então não houve cadáveres na feira — decidiu o juiz.

— Espere um pouco — interrompeu Sulamita Normanha, que não desistia de encontrar ao menos um crânio esmagado para dar mais calor humano à reportagem. — Nós fomos informados que o elefante esmagou um menino!

— É isso mesmo! — apoiou Cigano. — Gregorinho, meu filho adotivo. Foi assassinado pelo elefante. Essa fera é um perigo. Tem de ficar sob a minha guarda. Sob a guarda de Gran Cigano, o Domador de Dentes de Ouro. Meu pobre menininho saiu montado no elefante quando...

Do alto do Mil-réis, veio a voz do palhaço Minhoca, pelos lábios do Tostão:

— Ah, é? Quer dizer que havia duas pessoas em cima do elefante? Eu, que sou o anãozinho ladrão, mais o tal menino?

Cigano recuou um passo e baixou os olhos.

— Bem... é que... estava escuro...

— Estava escuro quando? Quando os dois saíram montados no elefante? — continuou a voz do palhaço. — O senhor viu a fuga? Viu o tal roubo?

— É que... na verdade, eu não vi. Mas o Casca viu. Meu assistente viu tudo!

— Eu? — espantou-se Casca-de-ferida.

— Você sim, seu *gadgê idjota*! Conte tudo o que viu!

Casca-de-ferida recuou, como se as palavras do Cigano fossem um tapa em sua cara. Pela primeira vez na vida, olhou o chefe nos olhos.

— Eu não vi nada! Chega de me meter em tudo. Eu não vi nada. Chega de mentir para consertar as besteiras que você faz. Nunca existiu nenhum Gregorinho. Você inventou esse filho, mas todo mundo sabe que você não tem caráter para ser pai de ninguém!

— Cale a boca! O elefante...

— O elefante não matou ninguém. O elefante não matou a sucuri. Chega de me xingar de *gadgê idjota*, Cigano. Eu sou um pobre puxa-saco, sempre fui, mas agora chega. Quem matou a sucuri foi você. Esmagou com a marreta. Foi você!



— Está despedido, seu traidor *idjota!*

— É claro que estou, seu *rom idjota!* Nunca mais quero ser usado por você. Chega!

Não precisou de apito para que um silêncio pesado amordaçasse todas as bocas. Cigano correu os olhos em volta, sem encarar ninguém, tomando fôlego.

— Está bem! — reconheceu ele, sem mostrar nenhum dente de ouro. — Isso tudo não interessa. Nunca vi um homem ser julgado por matar uma cobra. Esqueçam isso. Está bem. Não há mortos, não há cadáveres, não há vítimas. A única vítima sou eu. Eu é que fui roubado, senhor juiz. Roubaram o meu elefante. Mande devolver meu elefante e pronto. Chega de palhaçada. Quero meu elefante de volta!

— Para quê? — perguntaram os lábios do Tostão com a voz do palhaço. — Para matá-lo e dar de comida ao leão?

— Nada disso! Não vou matar o elefante. Ele é um patrimônio do Grande Circo Romani. Vai fazer parte do meu número. Vai ser o maior artista do circo. O maior depois de mim, Gran Cigano, o Domador de Dentes de Ouro!

— Um “grande” número! — caçoou Casca-de-ferida. — Um número “eletrizante”!

— Cala a boca, *gadgê idjota!*

— Príííí! Príííí! — apitou o juiz. — Quem manda calar a boca aqui sou eu. Que história é essa?

Casca-de-ferida sorria. Sorria com uma confiança em si mesmo que nunca sentira antes. E estava gostando de sentir.

— Estou falando de eletricidade, senhor juiz. Acho que todos iriam gostar muito de levar as crianças para assistir. O elefante entrará numa jaula, todo coberto de sangue. Bonito, não? Pois é. Dentro da jaula, haverá um pastorzinho e alguns carneiros. Aí é que começa a parte mais interessante. Por baixo do piso da jaula vai haver uma tela eletrificada. Boa idéia, não? Pois é. Os carneirinhos e o pastor pularão de dor ao receber violentos choques, mas a platéia vai pensar que são gritos de pavor. O elefante naturalmente urrará e também pulará de dor, jogando-se para todos os lados e esmagando os carneirinhos com seu peso... Talvez até o pastor, se ele não fugir

a tempo. Fantástico, não? Pois é. Nesse momento, Gran Cigano, o Domador de Dentes de Ouro, entrará na jaula para resolver a situação. Mas não se assustem. Ele estará de botas de borracha e não sentirá os choques. Lindo, não? Aí é só parar com os choques, e todo mundo pensará que foi a competência enérgica do domador, do “heróico” domador, que acalmou a fera. Espetacular, hein? Não é exatamente isso que qualquer pai quer que seus filhos vejam?

— Cala essa boca, *idjota!* — Cigano estava possesso. — Senhor juiz, excelência, meritíssimo, majestade, santidade, ouça, por favor. Sou um pobre artista que só quer divertir o povo. O que se discute aqui é o que aconteceu, não quais planos alguém possa ter. Ninguém pode me acusar de ter matado um elefante, pois o elefante está aí, vivo, para quem quiser ver. Ninguém pode também me acusar de dar choques em crianças ou elefantes. Este traidor aqui me acusa de planejar isso tudo. Posso ser acusado de crime por ter idéias? Nada disso, excelência. O que temos de julgar é que a única vítima que existe aqui sou eu. Eu é que fui roubado. Roubaram Trântor, meu elefante, minha propriedade legítima. E o ladrão é esse anãozinho safado aí!

Lá em cima do elefante, o rosto do Tostão ficou vermelho de raiva.

— Anãozinho coisa nenhuma, seu mentiroso! Eu sou um menino! Sou Tostão. Tostão, o amigo do Mil-réis, o amigo do elefante manso que nunca se chamou Trântor, que nunca matou sucuri nenhuma, que tinha de fugir para não ser assassinado por você!

O espanto foi geral. A voz revoltada que todos ouviam não era mais aquela voz de adulto saída do corpo pequeno que montava o elefante. Era a voz do Tostão. A voz de um menino. Furiosa e cansada de sentir medo.

JULGA-SE O QUE DEVE SER JULGADO

Foi um pandemônio. Todo mundo voltou a falar ao mesmo tempo. A repórter não queria perder nenhum lance daqueles acontecimentos e enfiava o microfone para o lado de todos, sem conseguir o depoimento de ninguém.

— Aqui Sulamita Normanha, ao vivo, acompanhando a grande reviravolta no julgamento do elefante...

— O elefante é meu! Faço com ele o que quiser. É meu! Minha propriedade. Mato se quiser. Deixo viver se quiser!

— Chega de baderna no meu zoológico! Todo mundo pra fora! Não quero mais esse elefante. Tirem esse bicho daqui!

— *Teje* preso! Não admito baderna!

— Príííí! Príííí! Silêncio ou expulso todo mundo de campo!

Aos poucos, os apitos do juiz conseguiram um pouco de ordem.

— Príííí! Todo mundo quieto. Todo mundo calado. Agora é a minha vez de falar.

Todos se voltaram para o juiz entronado no barril.

— Vamos pôr ordem nas idéias. Há assassinatos para julgar? Há algum cadáver aqui presente? Algum menino esmagado? Então, senhor Cigano, ainda insiste que há um tal Gregorinho, seu filho adotivo, que foi assassinado pelo elefante?

— Bem... não, excelência — desculpou-se Cigano. — Acho que me enganei...

— Alguém mais esmagado? Ninguém? Então não há assassinatos para julgar.

— Aqui Sulamita Normanha, palpitando no julgamento. Excelentíssimo juiz, tem a sucuri...

— Ah, sim, a sucuri. Senhor Cigano, o senhor foi acusado de esmagar a sucuri com uma marreta. Reconhece a culpa?

— Quer dizer... sim... foi necessário... ela podia picar alguma criança na platéia...

— Mas sucuri não pica.

— Ahn, bem... alguma criança podia pensar que ela picava e se assustar...

— Então o senhor esmagou a sucuri e botou a culpa no elefante?

— Bem...

— Mas eu não posso julgar um homem por matar uma cobra, não é? Está bem, então não há assassinatos a julgar. E roubo? Existe algum roubo a ser julgado? Alguém roubou algum elefante?

— Roubou sim! — acusou Cigano. — O anãozinho aí! Quero dizer, o menino aí. Ele roubou meu elefante!

— Mentira! — defendeu-se Tostão. — Eu fugi com ele para salvá-lo das suas mãos!

— Príííí! Silêncio! Se fugiu não roubou. Portanto, não há roubo para julgar. Há uma fuga, mas fuga não se julga. Terceiro ponto: o senhor Cigano foi acusado de querer matar o elefante para dar de comida ao leão. É verdade, senhor Cigano?

— O que importa o que eu pensei, senhor juiz? Depois eu mudei de...

— Mudou de idéia, não é? — cortou o juiz. — Em vez de matar o elefante de uma vez, resolveu matá-lo aos poucos, dando-lhe choques, não é? E dando choques também em um pastorzinho. E obrigando o elefante a pisar em carneirinhos, não é?

— Ora, meritíssimo...

— Príííí! O senhor tem razão. Não se pode condenar ninguém por pensar em matar um elefante. Portanto, também não há nada aí para ser julgado.

— Então chega, seu juiz *gadgê!* Chega de discussão. Devolva o meu elefante, que eu vou embora.

— Cale a boca. Quem decide quem vai ficar com o elefante sou eu, que sou juiz!

— Isso não precisa julgar, excelência. Eu sou o dono. Logo, sou eu quem deve ficar com o elefante.

— Príííí! Quem julga o que tem de ser julgado é o juiz e o juiz sou eu. Como prova que esse elefante lhe pertence?

Cigano preparava-se para falar quando, do alto do elefante, a voz do menino aparteu:

— Não precisa provar, senhor juiz. Eu sei que o elefante é dele. Todo mundo sabe que este é o Mil-réis, propriedade do Grande

Circo Romani. Se é assim, entregue o elefante ao Cigano. Mas eu queria lhe perguntar se a propriedade é apenas um direito, sem dever nenhum. Gostaria de saber se o proprietário de uma árvore que dá sombra para todos pode derrubar essa árvore quando quiser. Gostaria de saber se um pai tem o direito de surrar uma criança só porque a criança é seu filho. Gostaria de saber se o dono de um elefante tem o direito de matá-lo ou maltratá-lo só porque a lei garante que o elefante é dele. Entregue o elefante ao Cigano, senhor juiz. Eu cuidei dele a minha vida inteira, mas o Mil-réis não é meu. Eu fugi com o Mil-réis para salvá-lo do Cigano, mas o Mil-réis não é meu. De quem é um elefante? De quem o ama, ou de quem quer matá-lo? Decida, senhor juiz, de quem é o elefante?

— Aqui Sulamita Normanha, às vésperas da grande decisão: de quem é o elefante?

Meio oculto pelo corpo do Tostão, o nariz do palhaço Minhoca sussurrou de orgulho:

— Meu menino! Gostei. Gostei dessa. Nem eu teria dado uma chapoletada dessas na sem-vergonhice do Cigano. Meu menino...

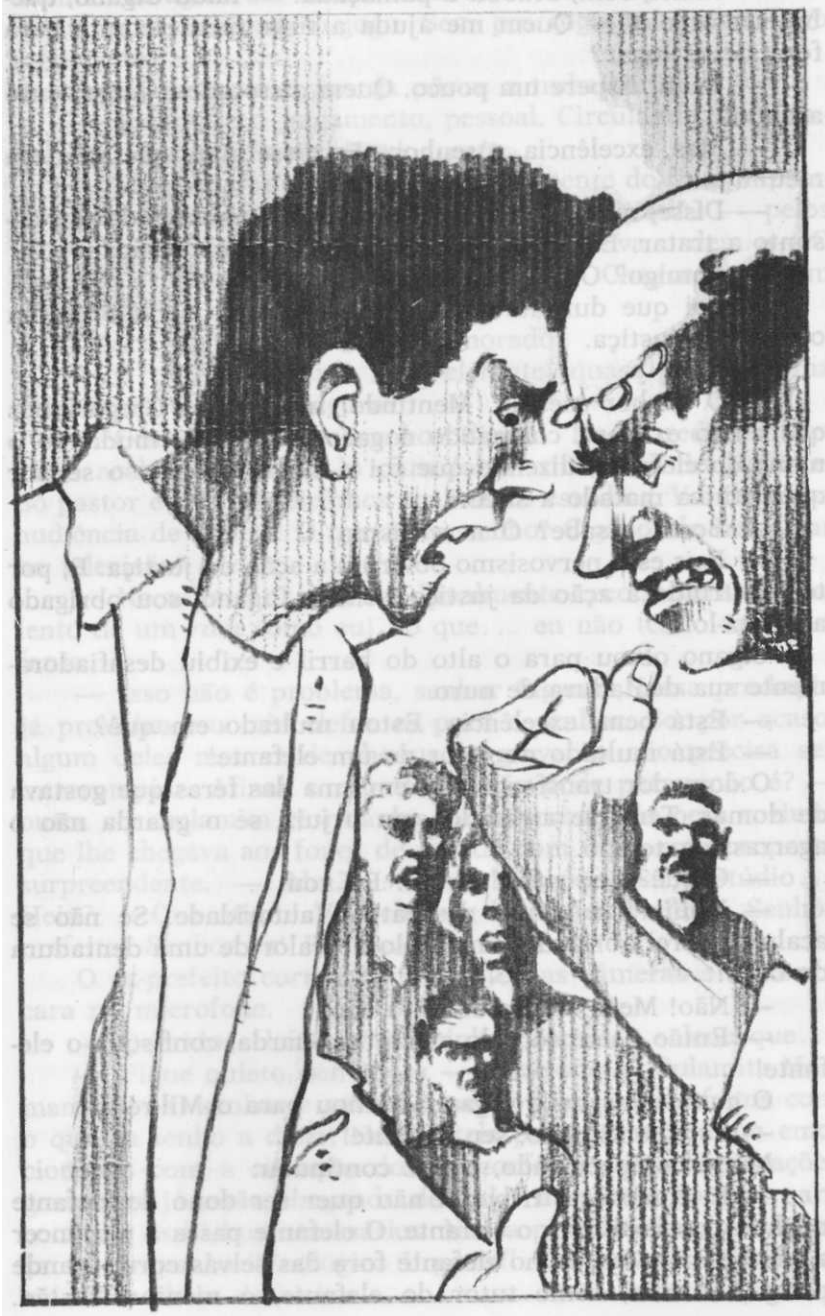
O juiz encarou lentamente a repórter, olhou para o guarda, passou os olhos pelos feirantes, correu o olhar pelo ex-prefeito, sorriu para o Cigano e fugiu dos olhos do Tostão.

— O jogo das leis tem regras complicadas, menino. Acho que nenhuma delas tem respostas para as suas perguntas. As leis não respondem tudo, às vezes respondem muito pouco. Há o que as leis determinam e há o que sente o coração dos homens. Onde está a Justiça? Nas leis? Nos corações dos homens? Mas os corações dos homens também não mudam a toda hora? Há homens que acham que um elefante pertence ao seu dono e ninguém tem nada com isso. Outros acham que um elefante não deve pertencer a ninguém. Acham que o elefante deve pertencer ao próprio elefante. Mas a quem pertence uma árvore? Ao dono do terreno onde ela está plantada ou ao menino que pendura um balanço em seus galhos? E a quem pertence uma escova de dentes? Sabem qual é a diferença entre uma árvore e uma escova de dentes? É que a árvore deve ser de todo mundo, enquanto a escova de dentes, se for usada por mais de uma pessoa, é porcaria. Só que eu sou o juiz do jogo das leis.

Príííí! Príííí! Sou um juiz. Um juiz honesto, que tem de aplicar honestamente a lei. A lei diz que os elefantes têm dono. Eu não posso fugir à lei. Por isso, minha decisão é esta: o elefante Mil-réis é do Cigano, dono do elefante e do Grande Circo Romani...

UMA QUESTÃO DE AUDIÊNCIA

Tostão não disse nada. Ninguém disse nada. Nem Sulamita Normanha disse qualquer coisa. O menino desceu do elefante e abraçou-se longamente com o amigo. Ao seu lado, um nariz vermelho e redondo saltitava nervoso, sem que ninguém percebesse.



— Muito bem, acabou a palhaçada! — falou Cigano, quebrando o gelo. — Quem me ajuda a tirar meu elefante para fora desse lugar?

— Príííí! Espere um pouco. Quem disse que o julgamento acabou?

— Mas, excelência, o senhor não disse que o elefante era meu?

— Disse, mas não encerrei a sessão. Temos ainda um assunto a tratar. E é com o senhor mesmo, senhor Cigano.

— Comigo? O que foi agora?

— Foi que durante todo o julgamento o senhor tentou obstruir a justiça.

— Eu?!

— O senhor mesmo. Mentindo, inventando Gregorinhos quem não existem, chamando o garoto de anão, mudando o nome do elefante, dizendo que foi o elefante e não o senhor quem tinha matado a sucuri.

— Bom... sabe? O nervosismo...

— Pois esse nervosismo obstruiu a ação da justiça. E, por ter obstruído a ação da justiça, senhor Cigano, sou obrigado a multá-lo.

Cigano olhou para o alto do barril e exibiu desafiadora-mente sua dentadura de ouro.

— Está bem, excelência. Estou multado em quê?

— Está multado no valor de um elefante!

O domador transformou-se em uma das feras que gostava de domar. Teria se atracado com o juiz, se o guarda não o agarrasse a tempo.

— O quê? Seu *gadgê idjota!* Eu vou...

— Príííí! Isso é um desacato à autoridade. Se não se acalmar, serei obrigado a multá-lo no valor de uma dentadura de ouro!

— Não! Meus dentes de ouro não!

— Então deixo só pelo elefante. Guarda, confisque o elefante!

O guarda largou o Cigano e olhou para o Mil-réis:

— *Teje* confiscado, seu elefante! Muito compenetrado, o juiz continuou:

— E, como este tribunal não quer ser dono de elefante nenhum, declaro livre o elefante. O elefante passa a pertencer a ele mesmo. Mas, como elefante fora das selvas corre grande perigo, nomeio, como tutor do elefante, o menino Tostão.

Menino, de agora em diante o Mil-réis é sua responsabilidade. Príííí! Está encerrado o jogo. Sem prorrogação. Acabou-se o julgamento!

Imediatamente, o guarda pôs-se a trabalhar:

— Acabou-se o julgamento, pessoal. Circulando, circulando! Não quero aglomerações!

— Aqui Sulamita Normanha, diretamente do final impressionante deste julgamento. Alô, estúdio... O quê? — pelos fones de ouvido, a repórter recebia uma nova ordem. — O Cigano?... Um instante. Senhor Cigano! Chegue aqui um minutinho.

Cigano aproximou-se, mal-humorado.

— O que foi? Perdi meu elefante, quase perco minha dentadura. O que há agora?

— Grandes notícias, senhor Cigano. Nossa rede de televisão acaba de convidá-lo para fazer o número do elefante, do pastor e dos carneirinhos em nossos estúdios. Vai dar uma audiência de novela! O que acha, senhor Cigano, de trabalhar na televisão?

— Na televisão? Ah, ah! Finalmente reconheceram o talento de um *rom* como eu! Só que... eu não tenho mais elefante ...

— Isso não é problema, senhor Cigano. Nossa produção já providenciou três elefantes para o senhor. Se, por acaso, algum deles morrer de choque, a gravação não precisa ser interrompida. Afinal, o espetáculo não pode parar, não é? — outra vez Sulamita Normanha foi interrompida pela vizinha que lhe chegava aos fones de ouvido com mais uma proposta surpreendente. — Ahn?... Como? Pode falar, estúdio... Hein?... Que ótimo! Vou chamar logo o ex-prefeito. Senhor prefeito! Senhor ex! Por favor!

O ex-prefeito correu para diante das câmeras e enfiou a cara no microfone.

— Queridos eleitores! É minha promessa solene que...

— Fique quieto, senhor ex — interrompeu Sulamita Normanha.

— O senhor e seus eleitores vão ficar satisfeitos com o que eu tenho

a dizer. Nossos telespectadores ficaram emocionados com a situação do seu zoológico deserto. Doações generosas já estão chegando de todas as partes do país para comprar os bichos necessários. Nossa produção acaba de lançar a campanha "Zoológico Urgente". Em um mês, isto aqui vai estar cheio de bichos!

— Mais uma vez agradeço o apoio do meu eleitorado sem o qual...

— Como símbolo da campanha, escolhemos uma pobre empregada doméstica que doou seu único bem, a aliança de casamento de sua falecida mãezinha. A campanha vai ser um sucesso. Até a oposição aderiu a ela!

— A oposição? — espantou-se o ex-prefeito. — Mas, e as casas populares!

— Ora, casas populares não dão audiência!

A LIBERDADE, MIL-RÉIS!

Com o fim do julgamento, todas as atenções voltaram-se para Sulamita Normanha e sua fantástica campanha de caridade. Do outro lado do fosso, Tostão abraçava-se a Mil-réis, que o envolvia delicadamente com a tromba. Como uma borboleta redonda, o nariz do palhaço Minhoca flutuava em torno do Tostão.

— Meu menino! Meu menino cresceu, já sabe se cuidar sozinho...

A proximidade do nariz vermelho com o narizinho do Tostão sugeria um abraço.

— Sabe, Tostão? Eu não lhe deixei nenhuma lembrança. Nenhum presente que você pudesse guardar. Tudo o que eu tinha neste mundo era a minha fantasia de palhaço, que foi para a cova junto com a minha pele. Mas eu quero deixar alguma coisa para você, para que você sempre se lembre de mim.

Tostão ouviu um ploct como se fosse uma rolha saindo de uma garrafa.

— Tome, Tostão. É o meu nariz. Um glorioso nariz de palhaço. Quero que fique com você. Para sempre...

O menino pegou o nariz vermelho e redondo. Desta vez não estava preso a coisa nenhuma.

— Obrigado, Minhoca. Vou guardá-lo sempre comigo. Nunca vou me esquecer de você. Eu... Mas, espere um pouco: como eu vou saber onde você está, sem este nariz flutuando no ar? Hein? Minhoca! Responda! Palhaço Minhoca! Onde está você? Não brinque assim, Minhoca!

Procurou em volta, procurou em torno do Mil-réis, como se o palhaço estivesse brincando de esconder.

— Minhoca! Volte! Não me deixe, não me deixe, querido Minhoca...

Não houve resposta. Tostão estava só. Na pequena palma da mão, um nariz redondo e vermelho como um tomate. No rosto, dois riscos molhados escorriam de uma saudade que voltava a ser lembrada.

— Por que chora, menino? Não está contente por ficar com o elefante?

Era a voz do juiz.

— Ahn? Ah, é o senhor... Desculpe. Sim, estou contente. Muito contente. Obrigado, senhor juiz. Agora as coisas vão melhorar, .

— Espero que sim. Acho que vão melhorar até para mim. E você? O que vai fazer agora, Tostão?

— Não sei direito. Acho que vou procurar algum lugar onde um menino possa ser menino e um elefante possa ser elefante...

— Onde fica esse lugar?

— Vou procurar. Talvez nas selvas da Birmânia, onde nascem elefantes...

— E se você não encontrar?

— Continuarei procurando.

— Mas, se você não encontrar de jeito nenhum?

— Continuarei procurando, procurando sempre. Acho que, se for impossível encontrar, nunca saberei disso enquanto estiver procurando.

O juiz calou-se. Viu o menino montar o elefante e encaixar no nariz uma bola vermelha feito nariz de palhaço.

— Como é que você vai tirar o elefante daqui?

— Ele já pulou o fosso uma vez. Na certa pulará de novo.

— Mas como? Como ele vai pular? Aqui não tem nem espaço para ele dar impulso...

O menino parecia um adulto. Um adulto com a determinação de uma criança.

— Ele não tem espaço. Mas acho que tem uma razão para pular.

Sem prestar atenção no menino, no elefante ou no juiz, Sulamita Normanha, ladeada pelo orgulhoso ex-prefeito e pelo realizado Cigano, punha fim ao espetáculo:

— Aqui Sulamita Normanha, diretamente do fim desta reportagem sensacional. Não deixem de depositar suas contribuições para a campanha "Zoológico Urgente". E não percam, na próxima semana, o novo programa desta emissora: "O Mundo Encantado do Circo", com a tremenda luta entre Gran Cigano, o Domador de

Dentes de Ouro, e Trântor, o Elefante Assassino. Agora, voltaremos à nossa programação normal. Boa noite, senhores telespectadores. Falou Sulamita Normanha...

Com a despedida da repórter, os técnicos desligaram as luzes. A noite sem lua envolveu a todos.

— Seus burros! — berrou Sulamita Normanha, no escuro total. — Como vamos guardar os equipamentos com essa escuridão? Cretinos!

No meio da escuridão, ouviam-se *uis, ais, não-empurras e olha-onde-pisas*, produzidos pelas trombadas dos técnicos que tentavam religar a iluminação. Ainda uma vez, a vizinha que chegava pelos fones de ouvido da repórter trouxe um susto:

— Cambada de imbecis! Eu deveria... Hein?... Como?... Ainda estamos no ar?... Incompetentes! Não sabem tirar essa porcaria do ar quando eu me despeço?... Ahn... Desculpe a nossa falha...

Alguém finalmente reacendeu os fortes refletores. Depois de certificar-se de que dessa vez estava mesmo fora do ar, a repórter passou a comandar o recolhimento das câmeras e tralhas da equipe técnica.

O juiz pestanejou e olhou em volta, reacostumando-se à claridade.

Não havia nem sinal do menino. Nem do elefante.

Enfiou as mãos nos bolsos e caminhou lentamente pelas alamedas daquele zoológico sem bichos.

À sua memória voltou a primeira surpresa daquela noite, quando Casca-de-ferida chegou ao boteco perguntando ao bêbado se não havia nenhum juiz por ali. O pobre homem, cansado de ser punido por teimar em ser honesto, usara o cinismo dos bêbados, apontando a ele, o velho, como o juiz procurado. Certamente Zé Caninha pensava em alguma partida de futebol, que nunca mais queria apitar.

E ele, o juiz de verdade, fora apontado pelo bêbado, de brincadeira, como se fosse um juiz de verdade. Ah, aquela oportunidade não podia ser desperdiçada! Era a sua chance de julgar do jeito que ele brincava de julgar quando era criança e sonhava em ser juiz. Naquele tempo, ainda não conhecia as leis,

mas procurava sentir, farejar, para descobrir onde estava a Verdade, onde estava a Justiça. Foi então que decidiu julgar como julgaria aquele pobre ex-juiz de futebol, que não conhecia leis, mas conhecia Honestidade.

O velho juiz pensava ter-se saído muito bem. Suas decisões tinham sido totalmente ilegais, mas tinham sido justas. Tinham obedecido àquele senso de justiça que ele tinha perdido em algum lugar distante da infância.

Gostaria de estar satisfeito consigo mesmo. Gostaria de convencer a si mesmo que tinha sido justo como nunca em sua vida. Mas, quanto mais razões procurava para satisfazer a si próprio, mais lhe vinham à cabeça as verdadeiras conseqüências daquele julgamento. De um lado, aqueles que tinham mentido, perseguido, enganado, saíam cheios de glória, a caminho da fama, do sucesso, da fortuna. De outro, saía um ajudante humilde, desempregado por dizer a verdade. E saíam pelo mundo um menino e um elefante bem velhinho. Saíam sós e seriam esquecidos em pouco tempo.

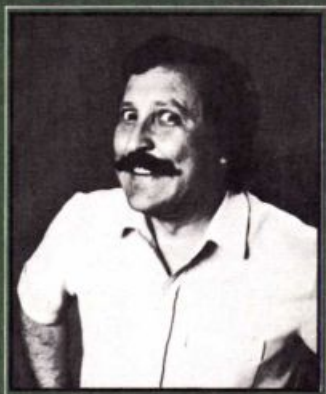
Aos poucos, as luzes e as vozes foram ficando para trás. Mergulhando na escuridão, o velho juiz pensava se não haveria também alguma selva da Birmânia para ele procurar.





Digitalização/Revisão: Yuna

TOCA DIGITAL



Nasceu em Santos, em 1942. Em 1961, veio para São Paulo cursar Ciências Sociais e fazer teatro profissional como ator e diretor. Aos poucos, bandeou-se para a editoria e o jornalismo e, também aos poucos, começou a criar histórias para jovens. Aí, gostou da coisa e resolveu tocar seus próprios livros. Já publicou *A Droga da Obediência*, *É Proibido Miar*, *Cavalgando o Arco-Íris*, *O Dinossauro que Fazia Au-au*, *Malasaventuras*, *De Piolho a Garrote*, *Ameaça de Sete Cabeças*, *Trocando as Bolas*, *O Pintinho do Vizinho*, *A Marca de uma Lágrima e Pântano de Sangue*, além de *O Elefante Assassino*.



O ELEFANTE ASSASSINO

Pedro Bandeira, querido autor do público infanto-juvenil, situa sua nova história num circo mambembe perto da falência. Os personagens principais desta aventura são um elefante, um garoto, o dono do circo e um palhaço já falecido, envolvidos nas peripécias de como alimentar o velho leão do circo.

ISBN 85-7056-139-3